

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

WILLIAN ALEXANDER MARCHETI MOURA

**O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UMA TREINADORA DE TÊNIS NO
ALTO RENDIMENTO**

Florianópolis,

2020

Willian Alexander Marcheti Moura

**O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UMA TREINADORA DE TÊNIS NO
ALTO RENDIMENTO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Coorientador: Prof. Me. Vitor Ciampolini

Florianópolis,

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através
do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moura, Willian Alexander Marcheti

O Desenvolvimento profissional de uma treinadora de
tênis no alto rendimento / Willian Alexander Marcheti
Moura; orientador, Michel Milistetd, coorientador, Vitor
Ciampolini, 2020.

92 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Treinador esportivo. 3.
Contextos de Aprendizagem. 4. Formação de Treinadores.
I. Milistetd, Michel. II. Ciampolini, Vitor. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. IV. Título.

Willian Alexander Marcheti Moura

**O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UMA TREINADORA DE TÊNIS NO
ALTO RENDIMENTO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 10.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Michel Milistetd
Data: 17/12/2020 13:20:22-0300
CPF: 041.320.559-22

Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Vitor Ciampolini
Data: 17/12/2020 13:14:33-0300
CPF: 372.738.708-46

Prof. Me. Vitor Ciampolini
Coorientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Alexandre Vinicius Bobato Tozetto
Data: 17/12/2020 11:18:19-0300
CPF: 063.189.989-85

Prof. Me. Alexandre Vinicius Bobato Tozetto
Banca

Universidade Federal de Santa Catarina

A handwritten signature in blue ink that reads "Ricardo Pimentel".

Prof. Me. Ricardo Pimentel
Banca

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado ao meu pai, Ivanildo (In Memoriam) e a minha segunda mãe, amiga e conselheira Dona Edna (In Memoriam). Pelas longas conversas, suporte e ensinamentos de vida.

AGRADECIMENTOS

Em uma etapa única e muito gratificante da vida, de aprendizados, vivências e interações com pessoas que ajudaram direta e indiretamente nessa trajetória, tentarei deixar aqui meus sinceros agradecimentos. Primeiro, agradeço a Deus pela vida e por me rodear de pessoas que foram verdadeiros ‘anjos da guarda’. Pelo amparo entre idas e vindas.

Aos professores Michel Milistetd e Vitor Ciampolini, por todo suporte necessário desde o primeiro dia na UFSC, por aceitarem o desafio de me orientar nesse trabalho e compreenderem minhas dificuldades. O empenho de vocês em prol da pesquisa é admirável.

À todos membros do Núcleo de Estudos de Tênis de Campo (NETEC), Cadu, Duda, Lucas, Débora, Dedé e todos que passaram por lá. Um local de bastante tranquilidade e silêncio para a escrita de um trabalho.

À todos mestrandos e doutorandos e professores dos grupos de pesquisa em que participei durante a graduação (NUPAF, BIOMECA e LAEF), Luís (prodígio), Priscila, Jaqueline, Bruno, Pablo, Rafa, Marcos, Sol, Alessandra, Gabi, Anne, Robert... Sakugawa, Kons, Dedé, Rodolfo, Matheus, Débora, Leandro, Bruno... Dantas, Ortiz, Tiago... e todos que tive contato, pois tenho certeza que posso ter esquecido alguém.

Em especial aos amigos do LAPE/NUPPE, que realmente me acolheram como família e acadêmico. Professor Juarez Nascimento e William Salles, meus padrinhos acadêmicos no PIBIC que ampliaram minha percepção sobre a formação inicial e me instigaram à pesquisa. Mestrandos e doutorandos Vini Brasil, Fabrício, Felipe, Carlos, André, Ana, Ricardo, Allana, Jaqueline, Ahlan, Daiane e tantos outros que me auxiliaram e sempre se mostraram dispostos a qualquer momento. Meu muito obrigado!

Ao Caio Cortela, de tamanha contribuição ao tênis e vasto conhecimento do contexto ao mesmo nível de sua humildade. Pivô principal na construção desse trabalho e professor, amigo e orientador à distância.

Aos professores Alexandre Tozetto e Ricardo Pimentel por aceitarem contribuir com o trabalho a partir de suas reconhecidas expertises na pesquisa e no tênis de rendimento.

À treinadora Fernanda, que sem sua colaboração espontânea e disposição em fazer parte da pesquisa nada disso teria acontecido. Foi incrível conhecer e refletir sobre sua trajetória de aprendizagem.

Aos professores do CDS, Bruna, Aline, Cíntia, Jolmerson, Rodrigo e Fernando pela transmissão de conhecimento e paciência na condução da turma. Meus sinceros agradecimentos.

Ao Mestre Adilson Monte, que me apresentou o tênis e desde então me envolvi cada vez mais. Seu acolhimento e parceria com certeza foram fundamentais em todo período da graduação, não tenho palavras para agradecer todo suporte oferecido até aqui.

À amiga Marcinha, que abriu as portas de um cursinho pré-vestibular e a coisa ficou cada vez mais séria. Um degrau muito importante nessa trajetória. Muito obrigado!

À minha turma de classe 16.1 que elevou o 'sarrafo' e com certeza construiu uma comunidade de prática valiosa, influenciando muito em minha aprendizagem. Valeu Turma!

Sou privilegiado por ter três famílias maravilhosas que me prepararam para a vida, Família Borges, Família Marcheti e Família Moura. Meus sinceros agradecimentos à todos vocês, meus avós, minhas tias e tios, e primas e primos. Cada um de vocês formou o quebra-cabeça de minha personalidade e visão de mundo. Muito obrigado.

Aos primos e tios, Amarildo, Thiago, Alex, Tufão e Toshio, pela parceria de sempre e por todo incentivo principalmente nas fases iniciais.

Aos familiares, Dinha, Cleide, Renato, Renata e Josi, por todo conforto proporcionado em minhas viagens à Curitiba e todo suporte desde sempre. Vocês estão no meu coração!

À Emily, minha amiga, companheira, namorada e parceira de vida. Por toda ajuda, carinho, incentivo, por acreditar em mim quando eu tinha dúvidas, pela compreensão em diversos momentos e por ser essa ser humana maravilhosa que és.

E por fim, ao meu círculo familiar, minha mãe Cléo, meu pai Paulinho e minha irmã Inaiê. Vocês são minha razão de existência. Agradeço toda paciência e direcionamento necessário para que eu embarcasse nessa aventura chamada universidade. E sou grato por todo suporte que sempre ofereceram em todas ocasiões.

*“Quando penso que cheguei ao meu limite,
descubro que tenho forças para ir além”.*
(Ayrton Senna)

RESUMO

O esporte, considerado um fenômeno cultural, exerce grande influência na sociedade subsidiado principalmente pelo contexto competitivo do alto rendimento. Dentre os agentes que contribuem ativamente na promoção e desenvolvimento do esporte, está o treinador. Nessa perspectiva, a profissão do treinador esportivo revela-se de extrema importância, e caracteriza-se pelo seu alto grau de complexidade perante as situações ‘problema’ que esse treinador resolve diariamente, exigindo de conhecimentos específicos e competências essenciais para uma atuação eficiente perante as três manifestações do esporte. Em específico no alto rendimento, tais exigências estão relacionadas a um ambiente caracterizado por busca de resultados, pressão do cargo, alta demanda e relação intensa. As preferências e motivações pessoais contidas na biografia do treinador, sugerem um caminho de aprendizagem particular e individual a cada sujeito no contexto esportivo, influenciando diretamente nas escolhas pelas situações e contextos de aprendizagem desse treinador durante todo seu desenvolvimento profissional. Ter conhecimento sobre a trajetória de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento torna-se intrigante, visto que o número de treinadoras ocupando essa posição ainda é pequeno. O objetivo principal do trabalho é compreender a trajetória de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento. Como objetivos específicos: descrever os momentos significativos na trajetória de vida pessoal e profissional dessa treinadora; identificar os fatores que contribuíram para a ascensão profissional da treinadora; e identificar os principais contextos de aprendizagem vivenciados por ela em sua trajetória. Como método para a coleta de dados, foi utilizado o instrumento *Rappaport Timeline* (LANGLEY; KNIGHT, 1999) que guiou a entrevista semiestruturada, a qual foi realizada pela plataforma Zoom®. Após transcrição e organização dos dados em documento Word®, foi empregada a análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006) para compreensão dos significados pelo processo indutivo. A partir da junção dos códigos obtidos do conjunto de dados, as evidências encontradas foram definidas em quatro temas principais seguidas por subtemas*: (1) Influência, Conexão e Inspiração: Personagens Fundamentais – Pessoas importantes*; Motivação e suporte necessários*; e Uma relação de confiança e admiração*; (2) Perfil Promissor e Acolhimento no Contexto – Ser mulher*; Mentalidade norteadora e reconhecimento*; (3) Fora da Zona de Conforto – Transição atleta/treinadora, dúvidas e o “frio na barriga”*; e Idioma*; e (4) Contextos de Aprendizagem – Graduação em educação física e pós-graduação em tênis de campo*; Cursos CBT e a virada de chave com o curso nível 3 ITF na Espanha*; e Experiência atlética, sequência em torneios e primeira participação na Gira Europeia*. Concluiu-se que a treinadora investigada vivenciou experiências significativas para sua aprendizagem desde cedo quando inserida no esporte, tanto como atleta quanto como treinadora. Desde o início como auxiliar técnica ela pode contar com o suporte de pessoas que a orientaram no seu desenvolvimento. Ela buscou formação federativa na modalidade e atuou em diversos torneios internacionais. Sua ascensão profissional foi promovida por meio de suas características pessoais de gênero, vontade de aprender, estar em situações de desconforto, refletir sobre suas experiências e conhecimentos específicos da modalidade e na gestão do grupo. Por fim, os principais contextos de aprendizagem relatados pela treinadora como fundamentais na obtenção de seu aprendizado foram o não-formal e o informal, com a realização do curso Nível 3 da ITF e as participações em torneios internacionais, respectivamente.

Palavras-chave: Treinador esportivo. Contextos de aprendizagem. Formação de treinadores.

ABSTRACT

Sport, considered a cultural phenomenon, has a great influence on society subsidized mainly by the competitive context of high performance. Among the agents who actively contribute to the promotion and development of the sport, there is the coach. In this perspective, the profession of sports coach proves to be extremely important, and is characterized by its high degree of complexity in the 'problem' situations that this coach solves daily, requiring specific knowledge and essential skills for an efficient performance in the face of three manifestations of the sport. Specifically in high performance, such requirements are related to an environment characterized by search for results, pressure from the position, high demand and intense relationship. The personal preferences and motivations contained in the coach's biography, suggest a particular and individual learning path for each subject in the sports context, directly influencing the choices by the situations and learning contexts of this coach throughout his professional development. Having knowledge about the learning trajectory of a tennis coach in high performance becomes intriguing, since the number of coaches occupying this position is still small. The main objective of the work is to understand the learning trajectory of a tennis coach in high performance. As specific objectives: describe the significant moments in the personal and professional life of this trainer; identify the factors that contributed to the coach's professional rise; and to identify the main learning contexts experienced by her in her trajectory. As a method for data collection, the Rappaport Timeline instrument (LANGLEY; KNIGHT, 1999) was used, which guided the semi-structured interview, which was carried out by the Zoom® platform. After transcribing and organizing the data in a Word® document, thematic analysis (BRAUN; CLARKE, 2006) was used to understand the meanings through the inductive process. From the combination of the codes obtained from the data set, the evidence found was defined in four main themes followed by subthemes *: (1) Influence, Connection and Inspiration: Fundamental Characters - Important people *; Necessary motivation and support *; and A relationship of trust and admiration *; (2) Promising Profile and Welcoming in Context - Being a woman *; Guiding mentality and recognition *; (3) Outside the Comfort Zone - Transition between athlete / trainer, doubts and the "cold in the belly" *; and Language *; and (4) Learning Contexts - Graduation in physical education and graduate in field tennis *; CBT courses and the turning point with the ITF level 3 course in Spain *; and Athletic experience, sequence in tournaments and first participation in the European Tour *. It was concluded that the investigated coach had significant experiences for her learning from an early age when inserted in the sport, both as an athlete and as a coach. From the beginning, as a technical assistant, she can count on the support of people who have guided her in her development. She sought federal training in the sport and played in several international tournaments. His professional advancement was promoted through his personal gender characteristics, willingness to learn, being in situations of discomfort, reflecting on his experiences and specific knowledge of the modality and in the management of the group. Finally, the main learning contexts reported by the trainer as fundamental in obtaining her learning were non-formal and informal, with the completion of the ITF Level 3 course and participation in international tournaments, respectively.

Keywords: Sports coach. Learning contexts. Coach formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– As competências do treinador esportivo relacionadas com os conhecimentos.....	23
Figura 2 – Competências profissionais do treinador de tênis em função dos cinco critérios...26	
Figura 3 – Quadra de tênis especificações ITF.....	29
Figura 4 – Ilustração do placar de uma partida de tênis (em andamento).....	29
Figura 5 – Experiências para o desenvolvimento do treinador esportivo.....	32
Figura 6 – Ilustração da estrutura cognitiva aplicada à aprendizagem do treinador esportivo em diferentes situações de aprendizagem.....	34
Figura 7 – <i>Timeline</i> do Desenvolvimento Profissional de Fernanda.....	55
Figura 8 - Temas e subtemas gerados a partir da entrevista.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As profissões do tênis.....	25
Quadro 2 – Competências e habilidades profissionais conforme função do treinador de tênis.	27
Quadro 3 – Revisão sobre a trajetória de aprendizagem do treinador esportivo que atua no alto rendimento.....	39
Quadro 4 – Níveis de certificação do programa de educação da ITF.....	44
Quadro 5 – Estrutura atual dos cursos oferecidos pela CBT.....	47
Quadro 6 – Descrição dos processos e contato com a treinadora.....	52
Quadro 7 – As fases da análise temática.	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição da equipe para a Gira Europeia.....	30
Tabela 2 – Fontes de aprendizagem e vezes citadas como importante	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATP – *Association of Tennis Professionals*

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

CBT – Confederação Brasileira de Tênis

COSAT – *Confederacion Sudamericana de Tenis*

HPC – *High Performance Coach*

ICCE – *Internacional Council for Coaching Excellence*

IES – Instituições de Ensino Superior

ITF – *International Tennis Federation*

ITN – *International Tennis Number*

OF1 – Oficial CBT/ITF 1

OF2 – Oficial CBT/ITF 2

PLC – *Personal Learning Coach*

P1 – Professora de Educação Física 1

RTL – *Rappaport Timeline*

SFT – Sistema de Formação de Treinadores

T1 – Treinador 1

T2 – Treinador 2

T3 – Treinadora 3

TE – Treinador Esportivo

TT – Treinadores(as) de Tênis

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	OBJETIVO GERAL.....	20
1.1.1	Objetivos Específicos	20
1.2	JUSTIFICATIVA.....	20
2	REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1	CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DO TREINADOR ESPORTIVO.....	22
2.1.1	Competências do treinador de tênis	25
2.1.2	O tênis e suas particularidades	28
2.2	APRENDIZAGEM DO TREINADOR ESPORTIVO.....	32
2.2.1	Trajatória de aprendizagem do treinador esportivo: contexto do alto rendimento	37
2.2.2	E o treinador de tênis, quais suas possibilidades de aprendizagem?	43
3	MÉTODOS	49
3.1	ASPECTOS ÉTICOS	49
3.2	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	49
3.3	O CASO	49
3.4	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	50
3.4.1	Rappaport Timeline	50
3.4.2	Entrevista semiestruturada	51
3.5	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	51
3.6	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	52
4	RESULTADOS	54
4.1	<i>TIMELINE</i> DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA TREINADORA....	54
4.2	INFLUÊNCIA, CONEXÃO E INSPIRAÇÃO: PERSONAGENS FUNDAMENTAIS.....	57
4.2.1	Pessoas importantes	57
4.2.2	Motivação e suporte necessários	57

4.2.3	Uma relação de confiança e admiração.....	58
4.3	PERFIL PROMISSOR E ACOLHIMENTO NO CONTEXTO.....	60
4.3.1	Ser mulher.....	60
4.3.2	Mentalidade norteadora e Reconhecimento	62
4.4	FORA DA ZONA DE CONFORTO.....	63
4.4.1	Transição atleta/treinadora, Dúvidas e o “Frio na barriga”.....	63
4.4.2	Idioma.....	65
4.5	CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM	65
4.5.1	Graduação em Educação Física e Pós-graduação em tênis de campo.....	65
4.5.2	Cursos CBT e a Virada de chave com o curso nível 3 ITF na Espanha.....	66
4.5.3	Experiência atlética, Sequência em torneios e Primeira participação na Gira Europeia	67
4.5.3.1	Primeira participação na Gira Europeia	68
5	DISCUSSÃO	73
6	CONCLUSÃO	78
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	88
	APÊNDICE B – Rappaport Timeline.....	90
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	91

1 INTRODUÇÃO

O esporte exerce papel fundamental na sociedade, sendo capaz de proporcionar grandes transformações em seu contexto e também reconhecimento global diante de seus mega eventos internacionais como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo e Jogos Pan Americanos (REIS; VIEIRA; SOUSA-MAST, 2016; HALL; WISE, 2019). Tal fenômeno, apoiado pela indústria do entretenimento movimenta grande parcela financeira mundial (REZENDE, 2007), e é capaz de influenciar fortemente manifestações de poder e desenvolvimento de um país (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010). Algumas nações apoiam sua imagem de hegemonia pelos resultados obtidos por meio desses eventos internacionais. Das três vertentes do esporte: participação; rendimento; esporte de educação (BRASIL, 2013); e o esporte de formação (BRASIL, 2015), é possível destacar essa globalização, atrelada sobretudo, ao esporte de rendimento, que apesar de incorporar um percentual mínimo da população, recebe constantemente o destaque midiático (HALL; WISE, 2019).

Vinculado ao crescimento do esporte estão as exigências do treinamento esportivo, que envolve uma série de processos dinâmicos relacionados e interdependentes em meio a interações entre os agentes do contexto esportivo (treinador, atleta, país, organização, clube, etc) (JONES; WALLACE, 2005; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006). No alto rendimento, caracterizado por uma busca de resultados, pressão do cargo, relação intensa e busca da excelência, é demandado um conjunto de competências e conhecimentos específicos da modalidade esperados por parte do treinador esportivo (TE) (MESQUITA, 2013), e quanto maior for o nível de competitividade, maior será a exigência. Segundo Côté e Gilbert (2009), para que o TE seja efetivo em sua prática, ele necessita de conhecimentos profissionais, conhecimentos interpessoais e conhecimentos intrapessoais. Além disso, reflexão e aperfeiçoamento constante são necessários para que ele encontre novas soluções frequentemente (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018). Todavia, cada contexto tem sua particularidade, cabendo ao TE a expertise necessária para planejar, implementar, analisar e ajustar sua prática na busca do desenvolvimento adequado e/ou esperado por aquele atleta/equipe (ICCE, 2013).

Em níveis comparativos de representatividade, treinadoras são vistas com pouca frequência no comando de atletas ou equipes em ambos os contextos esportivos (READE; RODGERS; NORMAN, 2009; FERREIRA et al., 2013; FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015), em um processo concomitante da pouca participação feminina no âmbito

administrativo do esporte (ACOSTA; CARPENTER, 2014; MOURÃO; GOMES, 2004). LaVoi e Dutove (2012), no intuito de explicar essa minoria estatística por parte das treinadoras, organizaram uma minuciosa revisão de literatura (1975-2011) buscando compreender quais barreiras e facilitadores podem impedir ou auxiliar o desenvolvimento e a permanência de treinadoras em todos os níveis esportivos. Conflitos entre vida pessoal e profissional, baixa remuneração e estereótipos quanto à competência da treinadora são algumas barreiras já identificadas em contexto nacional (FERREIRA et al., 2017). Já os facilitadores, são representados por um suporte de tutores/mentores, uma rede de contatos profissionais estabelecida, preparação para serem treinadoras quando ainda atletas, conquista de resultados como treinadora, imposição de autoridade e motivação pessoal/intrínseca (FERREIRA et al., 2015).

Na modalidade do tênis não é diferente, mundialmente temos 21% dos treinadores de tênis (TT) representados por mulheres, e no Brasil apenas 11% em relação à população total de TT do país (ITF, 2019a). Tal fato acentua-se no alto rendimento, chegando a uma proporção de dez TT para cada uma treinadora de tênis (CORTELA et al., 2013a, 2019b; LIMA et al., 2014). Apresentada a importância dos treinadores esportivos, como também a representatividade em específico dos TT, e a influência que exercem no desenvolvimento tanto do atleta quanto da modalidade, são destinadas pesquisas no âmbito internacional (JONES; WALLACE, 2005; ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; ICCE, 2013) e no âmbito nacional (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; EGERLAND et al., 2013; MILISTETD et al., 2018) para suprir suas necessidades e contribuir com o desenvolvimento desse agente. Desse modo, cada país rege as diretrizes acerca do treinador, sendo que em diversos países a atuação desse agente é voluntária, ao contrário do Brasil, que sem a formação de Bacharel em Educação Física ele não poderá dar treinos (MILISTETD et al., 2014), a não ser que seja provisionado com o título antes da lei 9.696 de 1998.

No tocante ao desenvolvimento de treinadores, entende-se o processo de aprendizagem viabilizado por três vias experienciais: a) **experiência desportiva:** praticou vários esportes ou desempenhou uma modalidade em específico em um bom nível; b) **experiência como treinador:** treinou atletas em desenvolvimento ou de elite em um esporte em específico; e c) **formação informal e formal:** possui certificação de treinador ou formação em educação física (ICCE, 2013).

Já a formalização dessa aprendizagem, no sentido de aquisição, segue um caminho individual e particular sendo impulsionada pela própria experiência, quando ressignificada

pela própria pessoa (PIMENTEL, 2007). Na maioria das vezes, os treinadores são autoguiados pela solução dos problemas que enfrentam na prática, criando assim suas próprias maneiras de ensinar (RAMOS et al., 2011; RAMOS et al., 2012). Além de carregarem consigo em sua biografia, aprendizados desde suas primeiras socializações associados à sua cultura (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018). Visto que cada um segue caminhos de aprendizagem diferentes desde que nasce e vivencia experiências distintas em relação onde vive e ao que o motiva, entende-se o quão individual e particular o processo de aprendizagem do TE pode ser (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; HANTON; KERWIN, 2004).

Referente ao conceito de formação em específico, esse trabalho toma como base conceitual o estudo de Nelson, Cushion e Potrac (2006), que classifica três contextos de aprendizagem: 1) **formal**: programas de formação que habilitam o treinador à atuação e com certificação, assim como a graduação; 2) **não-formal**: cursos de curta duração com certificação, específicos para a modalidade; e 3) **informal**: autogerido, pela leitura de um livro, prática esportiva, participação em torneios, conversa com outros treinadores e/ou busca de vídeos educativos. Nesse sentido, Cortela (2018) descreve a formação de TT no Brasil pela via universitária ou acadêmica (formação inicial) e por meio de capacitações promovidas por órgãos federativos e por associações. Recebe destaque entre os TT a valorização e procura pela via federativa em capacitações ou cursos específicos, e em relação à formação inicial, nota-se forte influência na percepção dos treinadores de tênis sobre suas competências profissionais (CORTELA, 2018; CORTELA et al., 2017). Outro aspecto relevante a ser levantado, é a possibilidade de vislumbrar a perspectiva de uma treinadora na modalidade do tênis de alto rendimento, situação que ainda é pouco investigada no Brasil (CORTELA et al., 2013a; 2019b).

Ainda jovem, porém com bastante experiência acumulada, a treinadora a ser investigada vive um grande momento na carreira. Ela concluiu o curso de Educação Física, fez pós graduação em tênis de campo e ainda carrega 12 anos de experiência prática em seu currículo. Além de possuir certificações específicas, curso da *International Tennis Federation* (ITF) nível 3, que oportunizaram convites, tanto da *Confederacion Sudamericana de Tenis* (COSAT) quanto da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), para representá-las internacionalmente na categoria infanto juvenil feminina no esporte de rendimento. Com isso, desde 2016 a treinadora participou de ao menos uma competição internacional no ano.

No âmbito nacional, após a profissionalização do TE (Lei 9696/1998; Brasil, 1998) e o incentivo a pós-graduação em Educação Física, houve uma crescente produção científica de 2009 à 2015 com foco principalmente no pensamento, comportamento e desenvolvimento do TE (GALATTI et al., 2016). Quando relacionado à modalidade do tênis, a contribuição para esse crescimento é ínfima (CORTELA et al., 2016a; GALATTI et al., 2016), suscitando a necessidade de aprofundamento maior em outros temas, como exemplo, a formação de treinadores, além de psicologia do esporte, treinamento esportivo e aspectos técnicos e táticos, que são os assuntos predominantes na literatura brasileira (CORTELA et al., 2016a).

Em razão de tais exposições, esse trabalho busca evidenciar as experiências que resultaram no aprendizado e que contribuíram para a ascensão de uma treinadora de tênis no alto rendimento, a fim de configurar-se como referência norteadora apoiando a prática de novos TE's e até os mais experientes que buscam o mesmo objetivo de seguir no alto rendimento. Diante disso, surgem as seguintes questões: Quais situações vivenciadas trouxeram aprendizado para a treinadora? Quais as contribuições da trajetória da treinadora para a formação de suas competências e para sua ascensão?

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o desenvolvimento profissional de uma treinadora de tênis no alto rendimento.

1.1.1 Objetivos Específicos

Descrever momentos significativos na trajetória de vida pessoal e profissional da treinadora.

Identificar fatores que contribuíram para a ascensão profissional da treinadora.

Identificar os principais contextos de aprendizagem da treinadora.

1.2 JUSTIFICATIVA

A oportunidade de participar de situações nas quais o treinador possa utilizar sua base de conhecimento e repensar sua prática, aprimorando seu modelo mental, são essenciais para sua formação profissional fornecendo ferramentas necessárias para a sua atuação

(BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015), como criar e atualizar seu próprio repertório de treinos, reconhecer a efetividade de uma atividade e progredir ou regredir quando necessário e saber reconhecer as demandas de uma determinada competição. Nesse contexto, alguns autores sugerem ao treinador a necessidade de refletir criticamente sobre as práticas de outros profissionais, buscando sempre o desenvolvimento de suas próprias estratégias processuais (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012).

Apresentar a perspectiva de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento é oportuno, por ser característico da profissão encontrarmos em maioria treinadores do sexo masculino (CORTELA et al., 2019b). O aprofundamento no caso em questão pode colaborar em apresentar uma oportunidade a ser vislumbrada por treinadoras que também buscam a inserção no alto rendimento, oferecendo as percepções e experiências de alguém que já faz parte desse contexto e colaborando com a perspectiva de inserção das treinadoras no âmbito esportivo (LAVOI; DUTOVE, 2012). No intuito de contribuir para a formação de treinadores em âmbito nacional, além de mostrar os fatores contribuintes para a ascensão do caso em questão, o estudo irá expor as principais experiências vividas pela treinadora. Dessa maneira, fornecerá informações que vão ao encontro com o desenvolvimento do TE e sua prática, impactando diretamente no seu dia-a-dia, fazendo com que ele reflita sobre sua experiência e o que se pode agregar com ela.

Além disso, soma-se aos motivos que justificam o trabalho, a trajetória no esporte do próprio autor. Envolvido no esporte desde cedo por meio de um projeto social em um bairro da periferia de São Paulo (Jardim Ângela), o autor envolveu-se em todos os esportes possíveis e posteriormente alimentou sua vontade em ser atleta profissional de futebol. Tal fato culminou em longa experiência de prática esportiva no rendimento, que encerrou-se pouco antes do mesmo ingressar na graduação, e a partir de então passou a competir em nível universitário. As vivências das disciplinas na universidade fizeram com que o autor conhecesse o tênis, um dos poucos esportes que ainda não havia praticado na infância, e a partir desse primeiro contato a paixão pela modalidade só amentou. Hoje é estagiário em aulas de tênis e *beach tennis*, formou-se árbitro de tênis auxiliar e de linha e envolveu-se na realização de torneios de tênis durante a graduação. Além do mais, o autor faz parte do Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte (NuPPE/UFSC), que tem como uma de suas linhas de pesquisa o estudo sobre as demandas do treinador esportivo, fornecendo todo suporte necessário ao estudo. Sendo assim, tais fatos foram motivadores para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Os tópicos da revisão de literatura apresentados a seguir foram estruturados em duas temáticas principais: sendo a primeira, um norteador acerca das funções, conhecimentos e competências do TE, oferecendo suporte para a análise de tais características da treinadora em questão. O segundo tópico trata das situações de aprendizagem do TE, contextualizando situações de aprendizado e as contribuições de cada contexto, aprofundando-se no âmbito do alto rendimento e por fim as possibilidades de aprendizagem ao TT. Assim, os tópicos servirão de base para a identificação e compreensão dos momentos que contribuíram para o aprendizado dessa treinadora.

2.1 CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DO TREINADOR ESPORTIVO

Nesse tópico serão abordados os conhecimentos e competências do TE em geral, com base na literatura de referência sobre o tema. Ademais, serão apresentados em subtópicos os conhecimentos e competências ligados ao TT, um pequeno histórico do tênis e algumas particularidades do contexto.

A profissão do TE demanda um rol de atribuições específicas como saberes específicos da modalidade, relacionar-se com os agentes do contexto e buscar reflexão contínua para ser efetivo em sua atuação, que variam em relação ao esporte e ao contexto (participação ou rendimento) (ICCE, 2013), caracterizando situações de alta complexidade, de natureza e dinâmica adaptativa e interativa, onde o treinador compara-se a um maestro à orquestrar as intempestividades em busca de um objetivo comum (JONES; WALLACE, 2005).

Nessa perspectiva, Coté e Gilbert (2009) definem eficácia do *coaching* como:

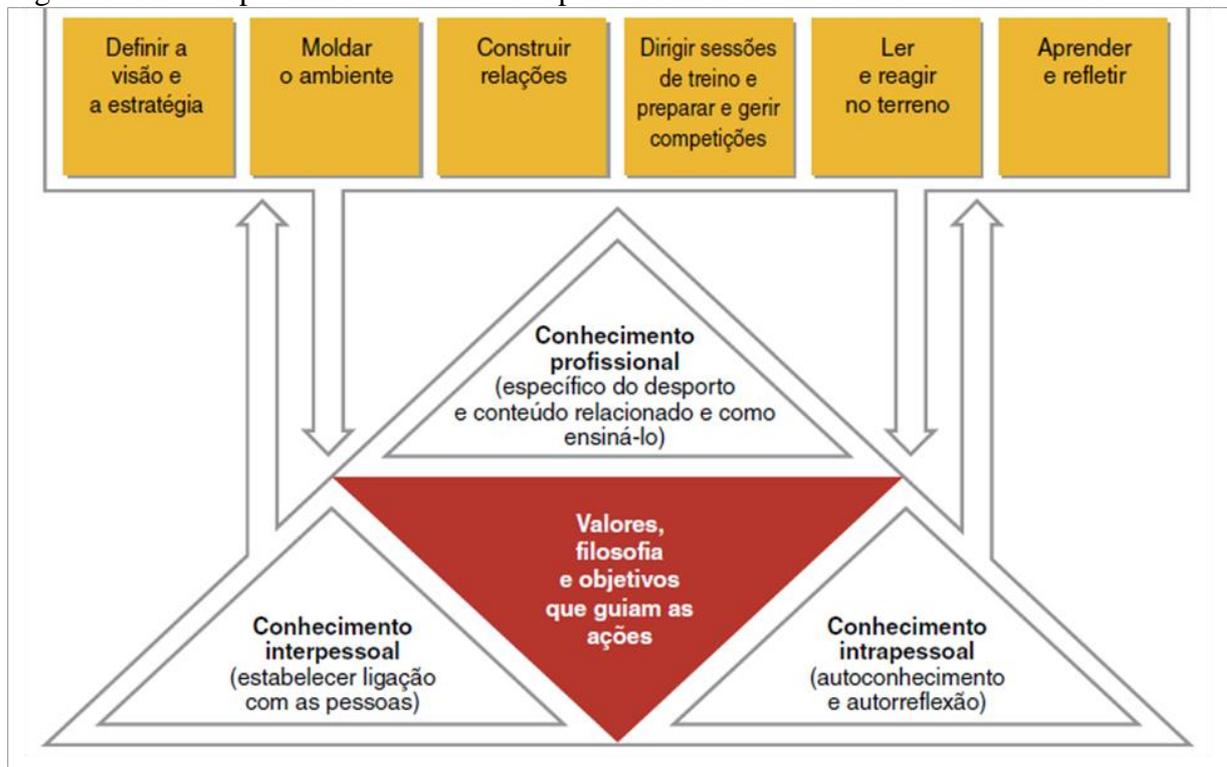
“...aplicação consistente de conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais integrados para melhorar a competência, confiança, conexão e caráter em contextos específicos de treinamento...”

direcionando contribuições conceituais afim suportar a prática do treinamento, apontando os três conhecimentos centrais inerentes ao treinador, tal como as seis principais competências

para o seu pleno desenvolvimento (ICCE, 2013). Em relação aos três conhecimentos: (a) **conhecimento profissional:** entende-se por conhecimento específico da modalidade (fundamentos, técnica, tática, regras) e as formas de conduzir o processo de ensino-aprendizagem (pedagogia, ciências do esporte, biodinâmica e anatomia); (b) **conhecimento interpessoal:** define-se como a capacidade de gerir interações em todos os âmbitos e construir relações efetivas para que haja uma interação coesa entre os agentes do contexto esportivo; e (c) **conhecimento intrapessoal:** compreende-se como conhecimento advindo da experiência e a capacidade de autorreflexão contínua sobre a própria atuação (COTÉ; GILBERT, 2009).

Relacionando-se com os três conhecimentos e baseadas neles, as seis competências principais são: (1) Definir a visão e estratégia; (2) Moldar o ambiente; (3) Construir relações; (4) Dirigir sessões de treino e preparar e gerir competições; (5) Ler e reagir no terreno; e (6) Aprender a refletir (ICCE,2013). Onde a eficiência na atuação do treinador, estará intimamente relacionada ao seu desenvolvimento em cada umas das competências elencadas como primordiais pelo ICCE, e centradas nos valores, filosofia e os objetivos que guiarão as ações desse agente, ilustradas na figura 1.

Figura 1– As competências do treinador esportivo relacionadas com os conhecimentos.



Fonte: Adaptado de *International Council for Coaching Excellence* (2013) (versão portuguesa).

De uma perspectiva cultural diferente, porém com valores semelhantes aos propostos pelo ICCE, Sebasitiani e Neboti (2012) complementam e classificam as competências do TE em: (1) compreender e dominar, em sua totalidade, a modalidade esportiva; (2) ensinar, energizar e treinar os atletas na estratégia e no conhecimento da lógica de seu esporte; (3) acompanhar em competições esportivas; (4) selecionar, guiar e orientar os atletas; (5) ter cuidado com a saúde e integridade dos atletas; e (6) transmitir um modelo ético e de valores.

Na mesma linha de raciocínio, Abraham e colaboradores (2006) buscaram formar um esquema que representasse a reflexão precisa do objeto de conhecimento de treinadores considerados experts. Por meio de entrevista e análise temática, dezesseis treinadores do alto rendimento no Reino Unido foram investigados sobre algumas demandas do TE e também quais eram os conhecimentos necessários para tomar decisões, alcançar objetivos e ser eficaz em sua atuação profissional, surgindo a categoria ‘conhecimento requerido’. Baseado nisso, os treinadores elegeram três competências principais: Conhecimento Específico do Esporte; Pedagogia (conduzir práticas, comunicação efetiva); e as “Logias” (fisiologia, psicologia e biomecânica) conjunto que engloba o trato com os atletas e as particularidades da técnica, sendo essa última competência a que mais sustentou opiniões distintas, pois nota-se que a demanda específica de cada esporte influenciou a opinião dos treinadores. Ainda assim, aliado a essas competências, algumas características pessoais como: habilidade de comunicação; ser flexível e ter a mente aberta; ser apaixonado pelo treinamento; e escutar atentamente os *feedbacks* construtivos; também são excelentes suportes para o desenvolvimento do TE frente às dificuldades da carreira (CARTER; BLOM, 2009).

Em dois estudos feitos no Brasil (EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009; EGERLAND et al., 2013) a partir de um questionário sobre a percepção de duzentos e treze treinadores no contexto do alto rendimento, identificou-se algumas competências e habilidades profissionais consideradas como fundamentais para a intervenção do TE. Tais conhecimentos como: biomecânica do esporte; treinamento esportivo; fisiologia do esporte; alimentação desportiva; e técnicas de avaliação. Além de outras habilidades: psico-sócio-culturais; gestão; planejamento; comunicação; integração do grupo; autorreflexão; e atualização profissional. Onde viu-se também que treinadores mais experientes atribuíram maior valor às competências profissionais como avaliar o treino, como ser compreendido e treinadores menos experientes às competências técnicas como o conhecimento de execução dos movimentos e das táticas (EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009; EGERLAND et al., 2013).

Portanto é possível observar um padrão nas investigações sobre os TE's, com pequenas divergências dependentes do acúmulo de experiências por eles apresentado e também em relação ao contexto em que atuam. Os achados sugerem competências que conferem ao treinador conhecimentos específicos do esporte ou modalidade, as formas como esse conhecimento é transmitido dentro das relações construídas, as especificidades do treinamento e repercussões fisiológicas no corpo. Ainda como complemento, as habilidades de características e desenvolvimento pessoal preenchem o repertório idealizado no tópico.

2.1.1 Competências do treinador de tênis

Iniciando a partir de uma perspectiva holística, torna-se importante salientar que no âmbito do tênis existem diversas profissões (quadro 1) que influenciam o desenvolvimento do esporte e sugerem uma ampla necessidade de saberes e aptidões por parte do TT.

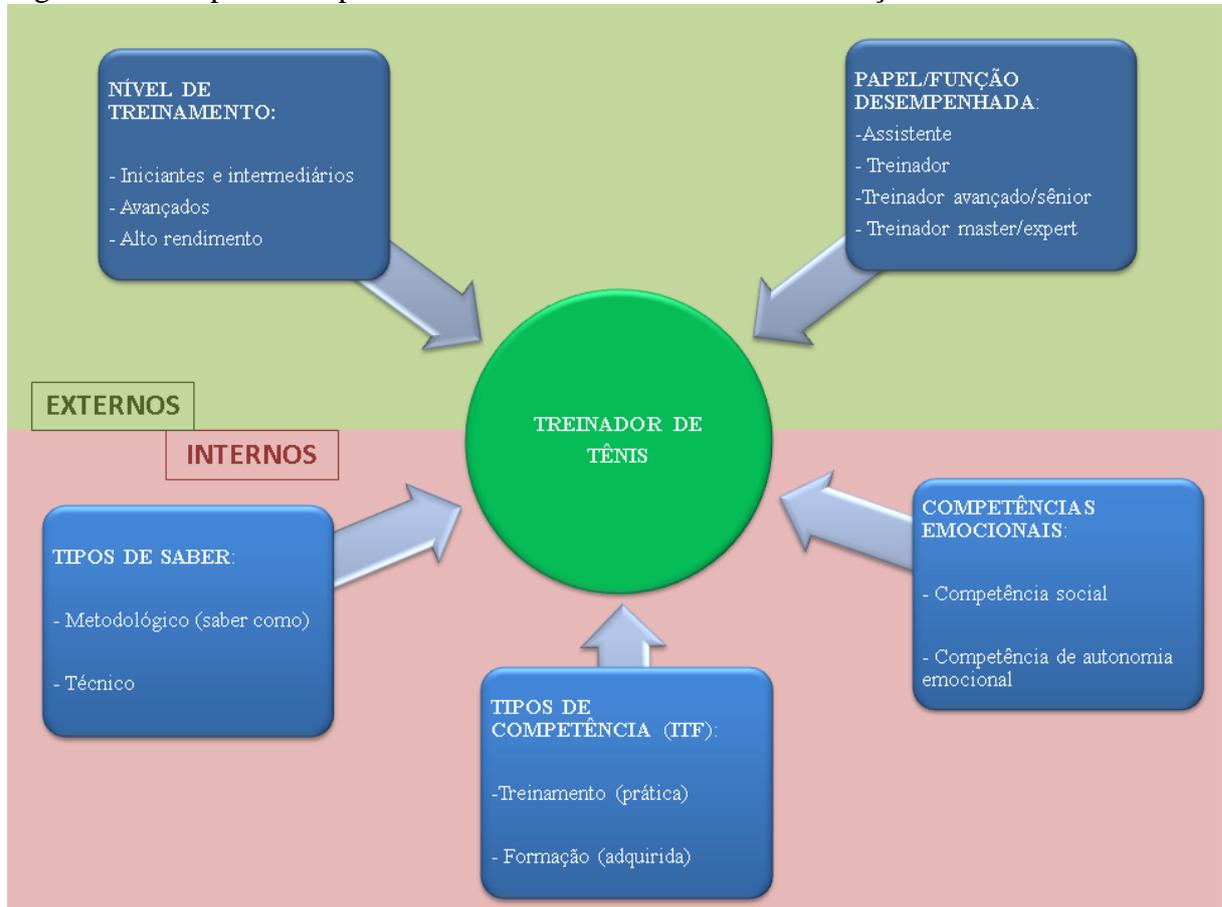
Quadro 1 – As profissões do tênis.

PROFISSÕES DO TÊNIS	
Jogador	Agente de jogador
Técnico/Treinador	Jornalista
Árbitro	Agente de publicidade, <i>marketing</i> e imagem
Preparador Físico	Gerente
Psicólogo	Empresário / Empreendedor
Fisioterapeuta	<i>Staff</i> para torneios
Médico	Representante comercial

Fonte: Crespo (2014) (tradução do autor).

Por vezes e dependendo da situação de trabalho em que esse treinador está inserido, ele acaba assumindo simultaneamente algumas dessas profissões além de já exercer sua função principal, evidenciando o caráter global e multidisciplinar de seu exercício (CAMPOS-RIUS; CRESPO; OBRADOR, 2020). Em torno somente de sua atuação, o TT necessita de competências que estão baseadas em cinco critérios: (a) em função do nível de treinamento; (2) em função do papel que exerce; (3) competências emocionais; (4) tipos de saber; (5) e tipos de competência (ITF) (RIUS, 2015); que são melhores compreendidos e divididos por condição/variável interna e externa, ilustrados na figura 2.

Figura 2 – Competências profissionais do treinador de tênis em função dos cinco critérios.



Fonte: Rius (2015) (tradução do autor).

Importante salientar que no decorrer do desenvolvimento de um TE, ele perpassa por diferentes papéis/funções, independente de estar em um nível de participação ou rendimento: (1) assistente; (2) treinador; (3) treinador avançado/sênior; e (4) treinador especialista/*expert* (DUFFY, 2008). Assim, entendendo que competências e habilidades profissionais são fundamentais ao TE, elas também podem requerer maior ou menor demanda conforme o momento/função de sua trajetória e sua experiência acumulada. Nesse sentido, após um trabalho minucioso de doutorado, Rius (2015) elencou as principais palavras-chave que estão associadas às competências e habilidades profissionais e que definem um bom TT conforme o exercício de sua função. A partir do quadro 2, é possível ter compreensão das qualidades que são conceituadas como competências para os TT's, e ter um apanhado geral do que julga-se coerente com o momento de sua carreira.

Quadro 2 – Competências e habilidades profissionais conforme função do treinador de tênis.

	Assistente	Treinador	Treinador avançado/sênior	Treinador máster/especialista
1	Vontade de aprender	Planejamento de treino	Planejamento de treino	Gestão
2	Aplicação do treinamento	Comunicação	Avaliação do processo	Liderança
3	Atender às diretrizes	Formação didática	Liderança	Formador
4	Animador	Metodologia	Comunicação	Planejamento de treino
5	Formação didática	Motivador	Gestão de competição	Formação em ciências do esporte
6	Motivação	Avaliação do processo	Planejamento	Trabalho em equipe
7	Nível de jogo	Planejamento	Formação didática	Comunicação
8	Autonomia progressiva	Atualização	Metodologia	Metodologia
9	Comunicação	Formação esportiva	Motivador	Visão global
10	Formação de jogadores	Formação competitiva	Nível de jogo	Formação competitiva

Fonte: Adaptado e traduzido de Rius (2015).

Em relação à própria opinião dos TT's em geral, no sentido de quais dimensões eles julgavam como relevantes, Cortela et al. (2013a) encontraram semelhanças na atribuição de importância em conhecimentos como: Treinamento técnico/tático; Treinamento das capacidades motoras e psicológicas; e os conhecimentos de biomecânica aplicados ao tênis. Semelhante aos achados de outros estudos com TE's (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009). Em dois estudos (CORTELA et al., 2017; CORTELA et al., 2019a) ainda com treinadores brasileiros de tênis, onde um dos objetivos foi verificar a importância atribuída às competências e habilidades profissionais, revelou-se elevada importância às dimensões: Biomecânica do esporte (tênis); Teoria e metodologia do treinamento esportivo; Planejamento e gestão esportiva; Comunicação e integração do grupo; e Avaliação Esportiva. Outro estudo com mesmo objetivo, acabou encontrando resultados parecidos, colocando novamente a Teoria e Metodologia do Treinamento e a Biodinâmica do Esporte (aspectos técnicos e táticos,

desenvolvimento humano, efeitos dos exercícios), como competências imprescindíveis aos TT (CORTELA et al., 2016b).

Dessa forma, no que concerne aos conhecimentos e competências necessárias tanto ao TE ou em específico ao TT para sua atuação profissional, ele será um treinador eficaz quando tiver domínio sobre os conhecimentos profissionais específicos da modalidade (técnica, tática, biomecânica, avaliação, treinamento, fisiologia), conhecimentos interpessoais (construir relações, gerir pessoas), conhecimentos intrapessoais (autorreflexão, autoconhecimento). Além disso, estar preparado para assumir funções como planejar, implementar e analisar perante as diferentes situações que possam ocorrer. E por fim, ter a ciência de que está em conexão com as demandas do contexto.

2.1.2 O tênis e suas particularidades

Com relatos iniciais datados por volta do meio do século XII, e conhecido em Paris naquela época, como *Jeu de La Paume* por ser jogado com a palma da mão (GILLMEISTER, 2008), o tênis espalhou-se por todo o globo. Atualmente repaginado, porém com a mesma essência de suas raízes, é um fenômeno que movimenta milhões de dólares em algumas competições profissionais (QUEIROZ, 2009; TÊNIS, 2014).

A modalidade pode ser jogada individualmente (1x1) ou em dupla (2x2), em uma quadra de 23,77m de comprimento por 8,23m ou 10,97m de largura, respectivamente. Além de a quadra ser dividida ao meio por uma rede medindo aproximadamente 0,914m de altura ao centro e 1,07m de altura nos postes (CBT, 2017), onde os jogadores utilizam-se de uma raquete e uma bolinha para desempenhar a disputa (figura 3).

Figura 3 – Quadra de tênis especificações ITF.



Fonte: Adaptado de Freepik (2020).

O objetivo principal do jogo é fazer com que a bola quique na quadra adversária e o oponente não consiga devolvê-la. A contagem do jogo divide-se em pontos que formam um *game* (0 – 15 – 30 – 40 – *game*) e *sets*, onde a cada seis *games* conta-se um *set* e para vencer um jogo é preciso ganhar dois *sets*. A figura 4 ilustra o andamento de um jogo no terceiro set entre o Jogador 1 (J1) contra o Jogador 2 (J2). E dependendo da categoria ou do torneio em questão, o modelo de disputa pode sofrer algumas alterações, mas comumente os torneios chancelados pela CBT seguem esse padrão (CBT, 2017).

Figura 4 – Ilustração do placar de uma partida de tênis (em andamento).

J1	15	6	4	1
	GAME	SET1	SET2	SET3
J2	40	3	6	4

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em torno desse formato de jogo, promovem-se torneios e campeonatos à nível participativo como também competitivo, onde o objetivo de parte dos jogadores que participam é alcançar o alto rendimento. Essa ambição de seguir jogando e chegar ao alto nível, surgem principalmente em atletas que disputam as categorias infanto-juvenis, que abrange a faixa dos doze aos dezoito anos de idade (CBT, 2019) e fazem parte do período de formação desse jogador. Como exemplo de uma competição que se aproxima desse âmbito

competitivo, ainda no juvenil na categoria dos quatorze e dezesseis anos, temos a Gira Europeia, onde esse jovem atleta tem a possibilidade de ser selecionado para participar dessa Gira e representar seu país em torneios curtos na Europa. Assim, a COSAT subsidia os atletas e treinadores e também estabelece critérios para suas respectivas seleções (PENIZA; FONTES, 2014). Para os atletas serem selecionados, serão consideradas suas seis melhores campanhas de simples e de duplas em torneios pré-estabelecidos pela COSAT, sendo que, nos quatorze anos compõem a equipe doze atletas (6 masculino / 6 feminino) e três treinadores, e no dezesseis anos, oito atletas (4 masculino / 4 feminino) junto com dois treinadores (COSAT, 2019) (tabela 1).

Tabela 1 – Composição da equipe para a Gira Europeia.

EQUIPE 14 ANOS			EQUIPE 16 ANOS		
Gênero	Qtde	Treinadores	Gênero	Qtde	Treinadores
Fem	6	3	Fem	4	2
Masc	6		Masc	4	

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em relação aos treinadores, que ficam responsáveis pelos atletas durante o período da viagem, eles serão nomeados pela COSAT com base em recomendações de suas federações nacionais ou pelo seu histórico de experiência anterior em outras viagens, além de possuir alguns requisitos mínimos estabelecidos pela própria COSAT (2019):

- a) Certificado como técnico ITF Nível 2 ou equivalente (quadro 4);
- b) Experiência como técnico de seleções em viagens oficiais;
- c) Experiência na formação de jogadores de alto rendimento;
- d) Experiência no Circuito Internacional de Júnior;
- e) Formação em Educação Física / ou Psicologia (desejável);
- f) Nível mínimo de inglês intermediário, idealmente alto.
- g) Na equipe de 14 anos, pelo menos um dos técnicos deve ter feito a Gira nos últimos anos.

Quando os atletas entram nessa fase de disputar Gira Europeia, após o início nas primeiras categorias, eles começam a vivenciar as expectativas e lampejos da fase de transição, que caracteriza-se da passagem do juvenil para o profissional, momento que requer

amadurecimento e dedicação total por parte do jovem que objetiva viver do tênis. Nessa fase, inicia-se a participação em torneios profissionais como: *Futures*; *Challengers*; *ATP's*; *Masters*; e *Grand Slam's* (em ordem de importância), onde a necessidade de entrega, evolução e saber lidar com as dificuldades se torna constantemente parte do dia-a-dia de um tenista (FONTES, 2011). Meligeni (2017) pontua que atualmente esse contexto está cada vez mais competitivo e profissional, com poucas interações entre atletas, comportamentos regrados e quão maior o jogador, maior é sua equipe (treinador, preparador físico, agente, familiar, e etc).

Tendo em vista as diversas possibilidades de progressão profissional em competições no tênis, mencionadas no subtópico, chega-se perto das atribuições de um TT inserido nesse contexto. Lembrando, obviamente, que treinadores de crianças que estão no período de formação necessitam de capacitação específica tanto quanto um treinador que está no alto rendimento (FONTES; SILVA, 2013). Dessa forma, os TT acompanham os atletas em competições (CORTELA et al., 2013b), conversam repetidamente sobre jogos e repassam táticas específicas durante o período de uma competição (MELIGENI, 2012). A grande maioria trabalha exclusivamente com o tênis, porém ainda existem alguns treinadores que além dessa incumbência, atuam na área comercial e funções relacionadas ao tênis (CORTELA et al., 2013b; LIMA et al., 2014).

2.2 APRENDIZAGEM DO TREINADOR ESPORTIVO

Esse tópico abordará os principais conceitos e terminologias que permeiam a área de aprendizagem do TE e a forma como esse conhecimento é adquirido, será também apresentada uma breve revisão sobre a aprendizagem de treinadores que atuam no alto rendimento, e por fim, irá expor as principais possibilidades de aprendizagem do TT.

Partindo de um consenso da literatura, onde o TE desenvolve-se por meio de variadas situações no decorrer de sua vida, podemos destacar algumas que são fundamentais e carecem demasiada atenção: prática esportiva como atleta (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; ICCE, 2013; CORTELA et al., 2019b; MILISTETD et al., 2015), experiência como treinador (ICCE, 2013; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003), e algumas contribuições advindas da formação formal e informal (ICCE, 2013).

A experiência da prática desportiva, decorre da participação desse treinador como atleta e um bom nível competitivo e/ou por ele ter desempenhado diversas modalidades, acumulando considerada experiência prática. Experiência como treinador, acontece principalmente da atuação como tal, trabalhando tanto com atletas em desenvolvimento quanto com atletas de elite em um esporte específico. E formação informal e formal, faz referência à um mentor com experiência em um esporte específico, e graduação em algum esporte e/ou educação física, respectivamente (figura 5).

Figura 5 – Experiências para o desenvolvimento do treinador esportivo.

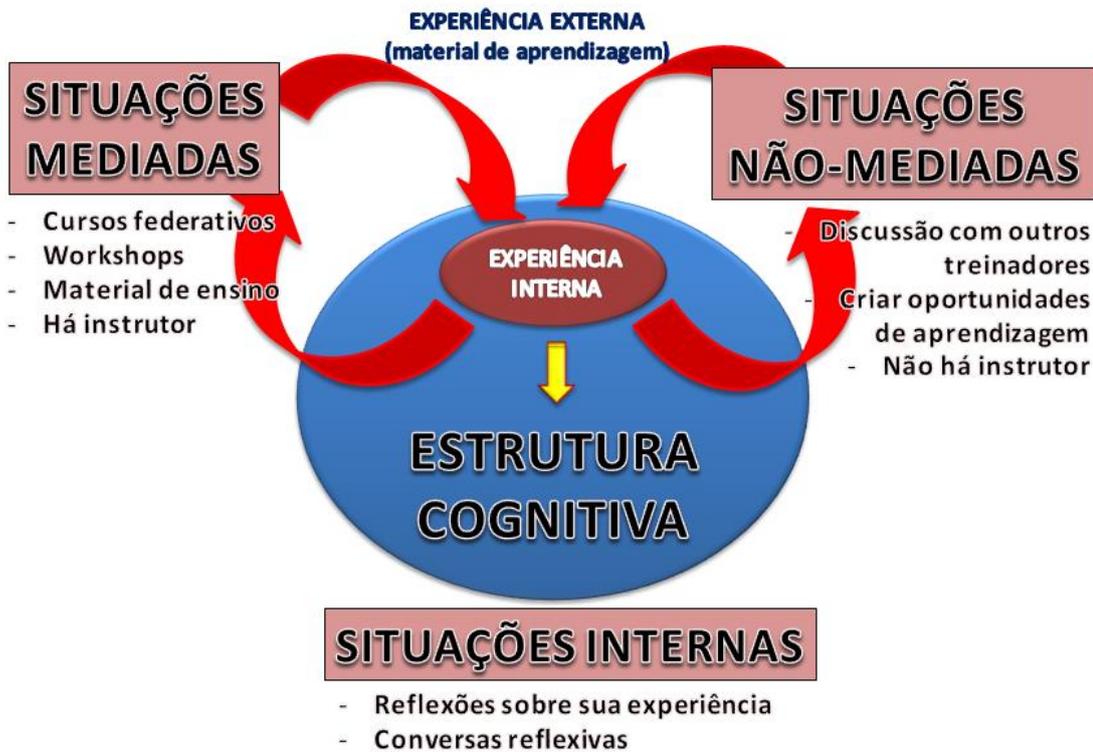


Fonte: ICCE (2013) (versão portuguesa).

No intuito de estabelecer conceitos inerentes à área de investigação sobre TE e assim contribuir para futuras pesquisas dentro dessa temática, Nelson, Cushion e Potrac (2006) definem o (a) **contexto formal** de aprendizagem em: sistemas educacionais institucionalizados, programas de certificação em longa escala e de longa duração, como exemplo da graduação, que impõem certa frequência e resultam em certificação; (b) **contexto não-formal**: apesar de muitas semelhanças com o formal, o não-formal caracteriza-se por cursos de curta duração destinados à grupos específicos da população (exemplo: TT), como clínicas, workshops e minicursos que também podem gerar certificação; (c) **contexto informal**: processo autogerido, onde o aprendiz toma a iniciativa sobre seu aprendizado, representa-se pela leitura de um livro, artigo ou revista, assistir vídeos educativos e interagir com pares da comunidade de interesse.

Werthner e Trudel (2006), aprofundando ainda mais a discussão sobre aprendizagem utilizando uma visão genérica de Moon (2004), buscaram entender especificamente a aprendizagem do treinador fundamentando-se na estrutura cognitiva desse agente, conceito esse que reúne o seu saber em um determinado momento. Assim, os autores indicam que a estrutura cognitiva muda, se adapta e recebe influência de três situações diferentes de aprendizagem: (1) **mediada**, onde sempre haverá mediação de outra pessoa assim como em cursos formalizados e graduação havendo algum material de ensino; (2) **não-mediada**, onde aprendiz/treinador toma a iniciativa e cria sua própria oportunidade de aprendizagem e não há a presença de um instrutor; e (3) **interna**, quando o treinador se questiona em função de sua necessidade e reconsidera as perspectivas de sua estrutura cognitiva (WERTHNER; TRUDEL, 2006) (figura 6). A situação interna de aprendizagem é percebida por Christensen (2014) como “um processo de aprendizagem biográfica”, visto que, em seu entendimento ela não se configura como uma situação real, ficando só nos pensamentos.

Figura 6 – Ilustração da estrutura cognitiva aplicada à aprendizagem do treinador esportivo em diferentes situações de aprendizagem.



Fonte: Werthner e Trudel (2006) (tradução do autor).

Para que de fato essas experiências advindas dos diferentes contextos possam originar a apropriação do aprendizado, elas dependem amplamente de uma interação complexa e hierarquizada na reflexão sobre a ação guiada pelo próprio indivíduo (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; PIMENTEL, 2007). Onde o regime de práticas e o acúmulo de tarefas vivenciadas por esse treinador, contribuem para a formação do seu próprio esquema de tomada de decisões em ‘ocasiões problema’ no futuro, bem como o autoconhecimento, no sentido de saber o que melhorar em sua atuação profissional (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; PIMENTEL, 2007; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; ICCE, 2013). Ramos et al. (2011) ainda salientam significativa contribuição para o aprendizado profissional do treinador, quando o mesmo experimenta mais de um contexto de aprendizagem, e que obter as ferramentas necessárias para a sua prática, julga-se fundamental independente do contexto ou nível de atuação em que se encontram.

Em uma proposta de aprendizagem mediada, Milistetd et al. (2018) buscaram descrever a aplicação de uma abordagem narrativa-colaborativa entre um *Personal Learning Coach* (PLC) (exp. um facilitador de aprendizagem) e um *High Performance Coach* (HPC)

(exp. TE de alto rendimento, formador de outros treinadores) de tênis. Após vinte e três semanas de interações com questionamentos pontuais ligados à atuação diária do HPC, entrevistas semanais onde os dois discutiam soluções, na maioria das vezes apoiadas pela literatura, observou-se grande impacto no desenvolvimento e aprendizado tanto do PLC quanto do HPC. Notando-se uma diversidade de situações onde o aprendizado emergia, partindo diversas vezes de uma mediação do PLC ou apenas o simples fato de refletirem deliberadamente e co-criarem (PLC e HPC) significados juntos.

Não obstante, discute-se a relação de eficácia no treinamento relacionada ao nível de prática desempenhado pelo treinador, podendo indicar sua experiência como atleta de elite fundamental para o aprendizado do TE (ERICKSON et al., 2007). Em contrapartida, Carter e Bloom (2009) indicam que além da prática em alto nível, existem outras fontes de aprendizado para treinadores pouco experientes, independente de sua formação atlética. Eles argumentam que esse aprendizado pode vir da experiência em dar treinos ou ser assistente, pode vir de um curso formal como também da interação e observação de um treinador mais experiente (CARTER; BLOOM, 2009).

A tentativa e erro, que faz referência a dar treinos ou ser assistente, caracteriza-se como parte do contexto informal de aprendizagem e é relatada com grande valor pelos treinadores que estão no alto rendimento. As suas designações importantes e diárias resultam em conhecimentos e habilidades específicas, e as fontes de aprendizagem que eles buscam acabam vinculando-se à sua experiência atual (RYNNE; MALLET, 2012; MALLET; RYNNE; BILLET, 2016; SHERWIN; CAMPBELL; MACINTYRE, 2017). Em outro estudo feito com trezentos e vinte treinadores de vinte e seis países e trinta modalidades diferentes, apesar de a maioria ter revelado preferência pela fonte informal, uma parte dos treinadores citaram a fonte formal de aprendizagem como preferida (STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Diferença de opiniões que pode ser sustentada pelos distintos níveis de atuação (participação e alto rendimento) que foram apresentados no trabalho.

Ampliando o leque de apresentação das fontes possíveis para a aquisição do conhecimento, He, Trudel e Culver (2018) organizaram uma revisão em seu estudo que buscava fontes atuais e ideais de conhecimento para treinadores de elite, e contaram com vinte e um estudos sobre o tema. Após isso, apresentaram as seguintes possibilidades: experiência como atleta; por meio de um mentor; pela via formal de educação; pela via não-formal (cursos rápidos, *workshops*, seminários); experiência da tentativa e erro na prática; e também por observação e questionamento a outros treinadores. Veja abaixo a relação das fontes com a

quantidade de vezes em que cada uma foi mencionada entre os vinte e um estudos do artigo (HE; TRUDEL; CULVER, 2018) (tabela 2).

Tabela 2 – Fontes de aprendizagem e vezes citadas como importante.

FONTES DE AQUISIÇÃO	VEZES MENCIONADA
Outros Treinadores	10
Tentativa e erro	7
Mentor	4
Experiência Atlética	3
Educação Não-formal	3
Educação Formal	2
TOTAL	29*

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

*estudos apresentavam de uma a três fontes preferidas.

Conforme a tabela 3, os TE's que atuam no contexto competitivo do alto rendimento apresentam, em grande parte, preferência por fontes informais e não-mediadas. Essa interação entre treinadores que pode ser representada na condição de mentoria e também estar relacionada à “Outros Treinadores” que foram excepcionalmente citadas, foi um aspecto fortemente mencionado em um estudo que buscou estabelecer a origem do conhecimento de um seletivo grupo de treinadores de elite do Reino Unido (IRWIN; HANTON; KERWIN, 2004). Nesse mesmo estudo, apurou-se também quais caminhos os treinadores estavam trilhando para atualização do próprio conhecimento, e eles relataram que buscam ajuda especializada para suprir suas necessidades ou procuram por treinadores mais experientes, ou seja, novamente recorrem a interação (IRWIN; HANTON; KERWIN, 2004).

Em suma, assim como a aprendizagem se dá por diversas situações experienciais (contexto formal, não-formal e informal), podendo elas serem mediadas ou não, o que se discute frequentemente como ponto em comum nas demais abordagens é a prática reflexiva como fator impactante no aprendizado. Não apenas refletir simplesmente, mas sim uma reflexão sistematizada onde haja uma ressignificação de conceitos e sentidos que são criados ou co-criados por esse treinador a partir de suas interações e percepções do contexto (PIMENTEL, 2007; RAMOS et al., 2011). Justamente aqueles momentos traduzidos por eles como “espaços para respirar” ou de sentir que está “sempre pensando sobre”, que são também apontados como um processo de aprendizagem interna (CHRISTENSEN, 2014). Visto tamanha individualidade existente no processo de aprendizagem (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006), torna-se importante a compreensão de quais fontes necessitam ser

complementadas a partir das particularidades existentes no contexto, a fim de que seja proporcionado o conhecimento pelas necessidades específicas (HE; TRUDEL; CULVER, 2018).

2.2.1 Trajetória de aprendizagem do treinador esportivo: contexto do alto rendimento

Este tópico traz uma revisão com dez estudos que foram escolhidos intencionalmente pelo autor por se aproximarem do objeto de estudo desse trabalho, eles compreenderam o intervalo de 2003 à 2014. Esses estudos buscaram investigar a trajetória de aprendizagem de TE's considerados experientes e que atuam no alto rendimento. O intuito dessa revisão é elucidar as principais maneiras que os treinadores inseridos no alto rendimento obtiveram aprendizado no decorrer de sua carreira. Cada coluna expõe uma característica principal dos estudos, que foram escolhidas com base no estudo de He, Trudel e Culver (2018). As informações estão dispostas no quadro esquemático (quadro 3), contendo uma síntese sobre cada aspecto que foi dividido em: autor; objetivo do estudo; método; participantes/país/experiência (como treinador); esporte; níveis de atuação; obtiveram aprendizagem por meio de; e condição com maior ênfase. Esses aspectos foram selecionados no sentido de justificar a inclusão de cada um dos artigos, como também facilitar tal justificativa apontando didaticamente informações que auxiliam esse reconhecimento.

A respeito dos principais métodos de investigação, a revisão apontou como abordagem habitual utilizada pelos estudos os seguintes meios: entrevistas semiestruturadas; estudos de caso; e análise temática. Ao todo, contabilizou-se cem TE's de quatro continentes diferentes: Oceania (44); Europa (26); América do Norte (21); e Ásia (9). Foram identificadas também, uma diversidade de modalidades esportivas onde esses treinadores somaram em média dezoito anos de experiência treinando atletas, atuando em nível nacional e internacional, inclusive em seleções de base e principal de seu país.

De modo geral, os treinadores relataram que seu processo de aprendizagem ocorreu por meio de: prática esportiva antes de ser treinador; tentativa e erro como treinador e assistente técnico; interação (discussão, observação e *feedback*) com mentores, outros treinadores e seus jogadores; estarem em um constante processo reflexivo a partir de suas experiências; participação em cursos formais e não-formais; sua vontade e disposição em aprender; busca sobre informações específicas na internet e livros; seus próprios familiares, que influenciaram diretamente em sua respectiva filosofia de treinador, assim como os

mentores também influenciaram. E por fim, as condições de aprendizagem que receberam maior ênfase foram as interações, experiência como jogador, tentativa e erro como treinador e reflexão sobre as experiências. Em sua grande maioria contextos informais e não-formais de aprendizagem (NELSON; CUSHION; PORTAC, 2006)

Apesar de os estudos apontarem essa preferência autoguiada pelos TE's, alguns autores alertam que outras situações de aprendizagem também devem ser exploradas em conjunto, pois assim são potencialmente valiosas na promoção e desenvolvimento da expertise do TE. Pois o caminho percorrido por cada treinador está intimamente ligado à sua biografia e momento específico ou necessidade em seu treinamento, e muitas vezes eles acabam por desconsiderar situações que podem favorecer sua aprendizagem sem reconhecê-las como significativas. Portanto, o principal achado e evidência em comum nos estudos utilizados nessa revisão, foi entender que a trajetória de aprendizagem é particular a cada treinador e contexto, e isso influenciará diretamente suas preferências e predisposição por determinadas fontes e busca de aprendizado. Além disso, eles nos direcionam para uma visão ampla, revelando o potencial de desenvolvimento em cada situação e como uma complementa e impacta a outra, principalmente quando é explorado o componente da reflexão.

Quadro 3 – Revisão sobre a trajetória de aprendizagem do treinador esportivo que atua no alto rendimento.

Nº	Autor(es)	Objetivo do estudo	Método	Participantes/ País/ Experiência	Esporte	Níveis de atuação	Obtiveram aprendizagem por meio de:	Condição com maior ênfase
1	JONES; ARMOUR ; POTRAC, 2003	Compreender como um treinador de futebol construiu e continua construindo seu conhecimento profissional.	Estudo de caso; Entrevistas semiestruturadas; 5 entrevistas; Abordagem de história de vida.	- 1; - Inglaterra; - Mais de 20 anos.	Futebol.	1ª divisão do campeonato Inglês; Juvenil nacional.	- Prática esportiva foi a principal; - Tentativa e erro como técnico assistente e principal; - Interação com mentores; - Reflexão sobre experiências; - Observando outros treinadores; - Cursos e certificações de treinadores; - Se responsabilizando pela construção do conhecimento.	a. Experiência prática como jogador; b. Interações com outros treinadores e mentores; c. Tentativa e erro como treinador e Reflexão.
2	SÁIZ; CALVO; GODOY, 2009	Identificar fases de desenvolvimento dos treinadores e determinar fatores que contribuíram para o seu processo formativo como treinador de elite.	Estudo de casos; Entrevista semiestruturada; Processo indutivo; Unidades de significado.	- 8; - Espanha; - 28,9 anos em média.	Basquete.	Seleção nacional; Primeira liga nacional; Times juvenis.	- Prática esportiva; - Tentativa e erro; - Reflexão sobre experiências práticas; - Interações com outros treinadores (observando e discutindo) e mentores; - Cursos e clínicas; - Assistir outros esportes; - Paixão pelo trabalho e desejo de melhorar sempre.	a. Tentativa e erro como treinador e Reflexão; b. Experiência prática como jogador; c. Interação com mentores e outros treinadores.
3	NASH; SPROULE , 2009	Verificar se os treinadores poderiam explicar o processo de seu desenvolvimento ao status de especialista percebido.	Estudo de casos; Entrevista semiestruturada; Processo indutivo; Análise temática.	- 9; - Reino Unido; - 17 anos em média..	Futebol; Hóquey; Natação.	Atletas de nível nacional e estadual.	- Prática esportiva; - Mentor em estágios iniciais; - Interações (treinadores e atletas); - Observando outros treinadores; - Reflexões sobre o treino; - Curso formal; - Busca de conteúdos na internet; - A partir das necessidades dos atletas;	a. Interação com mentores e outros treinadores; b. Experiência prática como jogador e reflexão.

Quadro 3 – Revisão sobre a trajetória de aprendizagem do treinador esportivo que atua no alto rendimento.

Nº	Autor(es)	Objetivo do estudo	Método	Participantes/ País/ Experiência	Esporte	Níveis de atuação	Obtiveram aprendizagem por meio de:	Condição com maior ênfase
							- Família (filosofia); - Muita dedicação.	
4	WERTNER; TRUDEL, 2009	Como que o caminho de aprendizagem de um treinador enfatiza certas situações de aprendizagem como fundamentais e o caminho de outro treinador preconiza situações diferentes?	Estudo de casos; Entrevista semiestruturada; Análise temática.	- 15; - Canadá; - Mais de 10 anos.	Atletismo; Caiaque; Patinagem de Velocidade; Esqui; Hóquey no Gelo; Futebol; Remo; Luta Livre.	Internacional e nacional (olimpíadas).	- Prática esportiva; - Educação formal em instituições reconhecidas; - Cursos e clínicas; - Interações (treinadores, atletas) e mentores; - Livros e busca na internet; - “Sempre pensando sobre” (processo de reflexão)	a. Reflexão contínua (sempre pensando sobre); b. Interação com mentores e outros treinadores.
5	KOH; MALLET, T, WANG, 2011	Examinar as vias de desenvolvimento de treinadores de basquete de alto rendimento em Cingapura.	Entrevista quantitativa retrospectiva estruturada; Modelo de Coaching.	- 9; - Cingapura; - Mais de 10 anos.	Basquete.	Seleção nacional; Seleção nacional sub 18 e sub 16.	- Bastante prática esportiva (particularidade do contexto); - Tentativa e erro; - Cursos formais e não-formais; - Prática de mais de um esporte; - Reflexão constante.	a. Experiência prática como jogador; b. Tentativa e erro; c. Cursos formais e não-formais.
6	CHRISTENSEN, 2014	Explorar os caminhos de aprendizagem e as situações de aprendizagem de treinadores de elite a partir de uma perspectiva de aprendizagem biográfica.	Entrevista semiestruturada; Casos cruzados; Análise microssociológica e construtivista.	- 8; - Dinamarca; - 15 anos em média.	Futebol.	Seleção nacional de jovens.	- Interação entre mentores e outros treinadores (observação e discussão); - Viagem formal de estudo (particularidade do contexto); - Tentativa e erro; - “Sempre pensando sobre” (processo de reflexão).	a. Interação com mentores e outros treinadores; b. Viagens formais de estudo; c. Processo de reflexão.

Quadro 3 – Revisão sobre a trajetória de aprendizagem do treinador esportivo que atua no alto rendimento.

Nº	Autor(es)	Objetivo do estudo	Método	Participantes/ País/ Experiência	Esporte	Níveis de atuação	Obtiveram aprendizagem por meio de:	Condição com maior ênfase
7	RYNNE; MALLET T, 2014	Como a aprendizagem dos treinadores influencia seu engajamento na “prática sustentável”?	Revisão de literatura com estudos de caso (2007-2011); Unidades de Significado; Entrevista semiestruturada; Análise comparativa.	- 44; - Austrália; - 21 anos em média.	Esportes Olímpicos	Internacional (olímpico).	- Tentativa e erro; - Interação (treinadores de outro esporte e atletas); - Prática esportiva; - Reflexão constante; - Cursos formais.	a. Tentativa e erro; b. Interação com outros treinadores e atletas; c. Experiência prática como jogador.
8	TAYLOR; WERTHE NER; CULVER, 2014	Explorar a aprendizagem ao longo da vida de um treinador que se destacou em sua área e como sua prática de treinador evoluiu e se desenvolveu em sua trajetória.	Estudo de caso; Entrevista semiestruturada; Entrevista com 4 colaboradores-chave de sua rede; Perguntas orientadas por Jarvis (2006-2009); Análise temática.	- 1; - Canadá; - 15 anos.	Paradesporto.	Internacional paralímpico.	- Família (valores, personalidade); - Cursos, clínicas e certificações formais; - Formação em mais de um esporte; - Curso formal (soldador); - Interações com treinadores, atletas e mentores); - Reflexão constante; - Busca de materiais na internet.	a. Interação com pessoas chave de seu contexto; b. Cursos formais e certificações; c. Reflexão sobre as experiências.
9	WERTHNER; TRUDEL, 2006	Apresentar, a partir de uma visão genérica de Moon (2004) de aprendizagem, uma nova perspectiva teórica para compreender como os treinadores aprendem a treinar.	Escolha de um treinador de um projeto e pesquisa canadense maior que estudou as fontes de aprendizagem de 15 treinadores (estudo 4).	- 1; - Canadá; - 14 anos.	Não revelado.	Internacional (olímpico).	- Prática esportiva; - Tentativa e erro; - Curso formal (engenharia); - Interação (treinadores, atletas); - Busca de materiais na internet; - Reflexão constante.	a. Experiência prática como atleta; b. Reflexão sobre as tentativas e erros; c. Interação com treinadores e atletas.

Quadro 3 – Revisão sobre a trajetória de aprendizagem do treinador esportivo que atua no alto rendimento.

Nº	Autor(es)	Objetivo do estudo	Método	Participantes/ País/ Experiência	Esporte	Níveis de atuação	Obtiveram aprendizagem por meio de:	Condição com maior ênfase
10	CALLAR Y; WERTNER; TRUDEL, 2012	Ilustrar como experiências episódicas podem ter uma influência importante no processo individual de se tornar um treinador experiente.	Estudo de casos; Entrevista semiestruturada; Vinhetas não-ficcionais; Análise narrativa das transcrições.	- 5 mulheres; - Canadá; - 25 anos em média.	Patinação artística; Caiaque; Esqui. Hóquey no gelo.	Internacional e nacional.	- Família (filosofia); - Interação com mentores, treinadores e atletas; - Cursos formais e clínicas; - Tentativa e erro; - Reflexão constante.	a. Interação com treinadores e atletas; b. Reflexão sobre as experiências;

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

2.2.2 E o treinador de tênis, quais suas possibilidades de aprendizagem?

Referente às oportunidades de aprendizagem do TT, podemos destacar as vias: **acadêmica** ou **universitária**, onde esse treinador tem a oportunidade de estar engajado em um curso de formação inicial é até buscar uma pós graduação na modalidade; a **federativa**, regida pela ITF internacionalmente e promovida pela CBT e federações estaduais à nível nacional; e a associativa, que é promovida por associações privadas (CORTELA et al., 2020a).

No Brasil, em consequência da Lei 9.696 de 1998, torna-se necessário e obrigatório ao TT concluir o curso de Bacharel em Educação Física para que assim possa exercer sua função (MILISTETD et al., 2014), a não ser que esse treinador seja provisionado. No entanto, os cursos de graduação não conseguem abordar de forma aprofundada os conteúdos necessários à modalidade do tênis, visto que ainda existe certo distanciamento da modalidade nesse contexto por conta de existirem poucas Instituições de Ensino Superior (IES) que possuem a disciplina de Teoria e Metodologia do Tênis em seu currículo (MILISTETD et. al, 2014; GESAT et al., 2020). Portanto, talvez esse seja um motivo pelo qual os treinadores relatam poucas contribuições do contexto formal ao seu aprendizado (CORTELA et al., 2020b), sem contar que grande parte dos TT atuantes não vivenciaram a graduação (CORTELA et al., 2013a; LIMA et al., 2014). Decorrente desse cenário, treinadores que buscam aprofundar-se em conteúdos específicos do tênis necessitam buscar outras alternativas concretas de aprendizado, que ficam à cargo das instituições e federações responsáveis pela modalidade.

Assim, em relação à via federativa, a ITF oferece os seguintes cursos que fazem parte do seu programa de certificação para o TT à nível internacional: Curso ITF *Play Tennis*; Curso de Treinamento para Iniciantes e Intermediários (Nível 1); Curso de Treinamento para jogadores Avançados (Nível 2); e Curso de Treinamento para jogadores de Alto Desempenho (Nível 3) (quadro 4).

Quadro 4 – Níveis de certificação do programa de educação da ITF.

Curso	Competências	Horas mínimas de contato do tutor
Curso ITF Play Tennis	-Trabalhe com jogadores iniciantes (ITN10) e crianças de até 10 anos; - Conhecimento de táticas e técnicas básicas; - Organize competições simples; - Use equipamentos e tamanhos de quadra corretos para jogadores iniciantes.	32 horas
<i>Curso de treinamento para iniciantes e intermediários da ITF (anteriormente Nível 1)</i>	- Trabalhe com jogadores avaliados até ITN 6; - Compreender e ser capaz de aplicar os princípios básicos de treinamento necessários para treinar jogadores de nível iniciante a intermediário.	80 horas
<i>Curso de treinamento para jogadores avançados (anteriormente Nível 2)</i>	- Trabalhe com jogadores até ITN 3; - Compreender e ser capaz de aplicar os princípios de treinamento necessários para treinar jogadores iniciantes, intermediários e avançados; - Planeje o programa de treinamento e competição para jogadores avançados.	80 horas
<i>Curso de treinamento para jogadores de alto desempenho (anteriormente Nível 3)</i>	- Trabalhe com jogadores de alto desempenho até ITN 1; - Compreender e ser capaz de aplicar as práticas de treinamento necessárias para ajudar jogadores de alto desempenho técnica, tática, física e mentalmente; - Planeje e organize os calendários de competição para jogadores de alto desempenho.	88 horas
TOTAL		280 HORAS

Fonte: ITF (2019b).

Outra possibilidade de aprendizado também oferecida pela ITF, só que à distância, são os mais de cem cursos rápidos cancelados e disponibilizados virtualmente. O órgão hospedou em seu site específico na plataforma *ITF ACADEMY*, cursos sobre diversas áreas relacionadas ao tênis, como psicologia do esporte, aspectos técnicos e táticos, biomecânica do tênis, comunicação com atletas, entre outros. Desde o ensino para jogadores iniciantes à jogadores avançados. Os cursos são inteiramente *online* e de acesso gratuito, em inglês, português e espanhol, além de ser permitida a emissão do certificado em cada curso finalizado (ITF, 2020).

Acerca dos procedimentos e órgãos em torno dessa certificação, a ITF possui o Sistema de Formação de Treinadores (SFT) das Associações Nacionais, reconhecendo e avaliando os países em seus próprios SFT como também concedendo a eles aprovação Bronze, Prata e Ouro, conforme correspondência e promoção dos níveis 1, 2 e 3 da ITF, respectivamente (CRESPO et al., 2020, no prelo). Nesse sentido, o contexto nacional é

privilegiado, pois junto a países como a Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Colômbia, Cuba, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Itália, Irlanda, Noruega, Países Baixos, Portugal e Suíça, o Brasil é reconhecido como nível Ouro (CRESPO et al., 2020, no prelo). Seguindo tal nivelamento, a CBT mantém seu programa de formação com pequenas diferenças estruturais, porém seus módulos equiparam-se ao sistema proposto internacionalmente pela ITF. Onde os Módulos A, B e C equivalem ao Nível 1, Módulos D, E, F e G ao Nível 2, e os Módulos Avançados (Tática e Metodologia, Biomecânica, Preparação Física, Planificação e Desenvolvimento, Psicologia) equivalem ao Nível 3 da ITF (CBT, 2020a). Ainda podemos encontrar outros cursos temáticos e específicos no programa da CBT como: *Play and Stay*; Curso para Professores e Administradores de Clubes e Academias; *Tennis Xpress*; Módulo Escolar; e Lateralidade (CBT, 2020b) (quadro 5).

Dentre tantas opções de capacitação aos treinadores, torna-se interessante o conhecimento do envolvimento e percepção deles em ações desse cunho. Em meio ao contexto nacional, os TT apresentam alta participação e envolvimento pela via federativa, tendo bastante aceitação e preferência por eles essa situação de formação continuada (CORTELA et al., 2013a; 2017; 2019b). Em uma investigação para saber as situações e contextos de aprendizado mais valorizados pelos TT (104) no estado do Paraná, Cortela e colegas (2020b) identificaram elevado destaque às situações não-mediadas e mediadas, e ao contexto não-formal e informal de aprendizagem. Ainda nesse estudo, foi possível verificar perfis distintos entre os treinadores, onde os menos experientes atribuíram maior importância às situações e contextos de aprendizagem quando comparados com o grupo mais experiente (CORTELA et al., 2020b).

Alguns relatos de situações informais de aprendizagem que abordaram a mentoria sistematizada, tanto na Irlanda (FARRELL; VAN DE BRAAN, 2014) quanto no Brasil (MILISTETD et al., 2018), revelaram-se como altamente significativas na promoção do desenvolvimento profissional de TT, justamente por sua flexibilidade e adaptação ao aprendizado específico. Assim como os conhecimentos e filosofia transmitidos por mentoria são importantes ao TE em geral (SÁIZ; CALVO; GODOY, 2009; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003), os saberes técnicos e táticos são claramente necessários aos TT (CORTELA et al., 2013a), e baseado nisso, Cortela e colaboradores (2020c) constataram que o nível técnico como praticante e a experiência do exercício profissional influenciou positivamente no conhecimento tático declarativo (CTD) de TT, ou seja, novamente o contexto informal influenciando positivamente.

Considerando uma perspectiva ampliada de aprendizagem, Werthner e Trudel (2006) conferem elevado potencial de desenvolvimento quando o treinador perpassa pelas três situações de aprendizagem (mediada, não-mediada e interna), pois elas são interdependentes complementando-se uma à outra na aquisição do conhecimento. Com base nesse pensamento e otimizando o aprendizado no local de trabalho, Cortela et al. (2020c) aliaram situações mediadas, não-mediadas e internas de aprendizagem por meio de videoconferências, buscando o desenvolvimento dos TT na competência técnica de avaliação. Foi observado que o uso da tecnologia aliado à interações focadas no ensino por meio da competência contribuiu significativamente na intervenção desses treinadores (CORTELA et al., 2020c).

Quadro 5 – Estrutura atual dos cursos oferecidos pela CBT.

Cursos	Carga horária	Descrição dos conteúdos abordados	Pré-Requisitos
Módulo A	25h	<i>Play and Stay</i> (exercícios e jogos); ensino para iniciantes; exercícios de desenvolvimento motor; introdução dos golpes básicos; desenvolvimento físico para crianças e jovens; princípios táticos do jogo de tênis; psicologia para crianças e o papel do professor.	Não há
Módulo B	25h	Estrutura da aula individual; golpes básicos (empunhaduras, preparação, terminação e posições de pernas); utilização dos lançamentos e cestos de bolas; tática e estratégia para o jogo de simples; técnicas de correção e melhoras; os efeitos e trajetórias da bola; regras de tênis e organização de torneios.	Não há
Módulo C	25h	Aula em grupo com progressões dos golpes de fundo/ voleios/ saque/devolução; organização e distribuição de alunos na aula em grupo; aula em grupo com jogadores de diferentes níveis; atenção individual na aula em grupo; liderança e comunicação na aula em grupo; preparação física; ITN (<i>International Tennis Number</i>); tênis em cadeira de rodas; tênis para pessoas com deficiência intelectual; equipamentos de tênis; princípios táticos do jogo de duplas, posicionamentos e diferentes formações.	Não há
Módulo D	25h	A metodologia do ensino; a comunicação com o jogador; etapas do processo de aprendizagem; como jogar contra os diferentes estilos de jogo; exercícios táticos de simples e duplas; a antecipação no jogo de tênis; jogo de porcentagens; o "momento" do jogo; análise tática das partidas.	Não há
Módulo E	25h	A biomecânica no tênis; aplicações práticas da biomecânica; técnicas avançadas para execução de golpes; diagnóstico e correções técnicas; a movimentação em quadra; filmagens em <i>super slow motion</i> ; análise de vídeos dos melhores jogadores da atualidade.	Não há
Módulo F	25h	A planificação da carreira do jogador; o desenvolvimento do jogador nas diferentes etapas e idades; como fazer a análise do jogador; o estabelecimento de objetivos; a planificação do treinamento; periodização; a sessão de treinamento e estruturação de exercícios.	Não há
Módulo G	25h	A preparação física no tênis (demanda energética do tênis, potência, agilidade, treinamento aeróbico para tenista); o acompanhamento dos jogadores em torneios; o treinamento de jogadoras; a nutrição para o tenista; prevenção de lesões; e o treinamento mental (concentração, motivação, controle emocional, autoconfiança e rotinas).	Não há
Módulo Avançado Tática e Metodologia	25h	Introdução a táticas avançadas; princípios táticos do tênis de alto nível; estilos de jogo tático do tênis moderno; tática de jogo no tênis feminino; táticas em diferentes superfícies; análise e estatística de partidas; tática de duplas para jogadores avançados; metodologia de treinamento para o tênis avançado; aprendizagem das habilidades motoras para o alto nível.	Aprovação nos Módulos A, B e C, ou no extinto Nível 1 CBT
Módulo Avançado Biomecânica	25h	Biomecânica e técnicas avançadas; a aceleração da cabeça da raquete; velocidade linear e angular; biomecânica do movimento em quadra; carga e produção do golpe; análise de produção dos golpes - quantitativo/qualitativo; modelos de desempenho biomecânico; atividade muscular e sua importância.	Aprovação nos Módulos A, B e C, ou no extinto Nível 1 CBT
Módulo Avançado Planificação/ Desenvolvimento do tênis	25h	Plano de desenvolvimento do jogador; destrezas profissionais para treinadores avançados - liderança, administração, organização, desenvolvimento profissional, marketing no tênis; comunicação e informática; criação e implantação de um plano para o desenvolvimento do tênis; comercialização e promoção do tênis; plano de desenvolvimento de recursos; diferentes programas de tênis; calendário de torneios.	Aprovação nos Módulos A, B e C, ou no extinto Nível 1 CBT

Cursos	Carga horária	Descrição dos conteúdos abordados	Pré-Requisitos
Módulo Avançado Preparação Física	25h	Avaliação fisiológica do tenista; desenvolvimento atlético a longo prazo; princípios do treinamento; coordenação; flexibilidade; resistência aeróbia/anaeróbica; desenvolvimento da força; potência no tênis; velocidade e agilidade; mecânica do movimento; trabalho durante os torneios; recuperação.	Aprovação nos Módulos A, B e C, ou no extinto Nível 1 CBT
Módulo Avançado Psicologia	25h	Treinamento mental para jogadores avançados; fixação de metas; destrezas psicológicas para jogadores de alto nível; motivação; técnicas de concentração, controle emocional; controle de pensamentos; rotinas psicológicas; desempenho psicológico em competição; imagens/visualização; desenvolvimento psicológico e planificação.	Aprovação nos Módulos A, B e C, ou no extinto Nível 1 CBT
<i>Play and Stay</i>	8h	Apresentação do programa <i>Play and Stay</i> ; como utilizar os diferentes tipos de bola e tamanho de quadras; como tornar o tênis fácil; divertido e saudável; trabalho técnico/tático com jogadores iniciantes; golpes básicos - ensino por progressões; ensino através do jogo; exercícios de desenvolvimento motor; tênis e os seus benefícios à saúde.	Não há
Curso para Professores e administradores de clubes e academias	15h	Por que as pessoas vêm jogar tênis e param de jogar tênis?; o <i>Play and Stay</i> no Brasil e no mundo; dinâmicas e jogos em grupo; habilidades necessárias para um professor trabalhar com a iniciação; o tênis e seus benefícios para a saúde; tênis um esporte para todos, ITN (Número Internacional do Tênis), circuitos regionais e nacionais; diferentes formatos de competição; relação professor/administrador - trabalho em equipe; o bom funcionamento de uma escola de tênis; ações de promoção do tênis; marketing do tênis.	Não há
<i>Tennis Express</i>	7h	A introdução do tênis para adultos iniciantes; apresentação do curso <i>Tennis Xpress</i> de 9 horas; o uso das diferentes progressões de bola e quadra; organização da aula em grupo; o trabalho com alunos de diferentes níveis; organização de jogos com adultos; iniciativas para os alunos darem continuidade no tênis.	Não há
Módulo Escolar	16h	Justificativa do programa; por que o tênis nas escolas; filosofia do programa; material necessário para a implantação; metodologia de ensino; mini tênis; aspectos pedagógicos; aspectos administrativos e jurídicos; principais obstáculos à implantação e como superá-los; abordagem à célula receptora - direitos, deveres e benefícios; estratégias de divulgação e captação de alunos; adequação dos espaços e organização dos alunos; plano de aulas; lidando com diferentes níveis na mesma aula; eventos internos e externos; avaliações; relatórios e reuniões com os pais; encaminhamento dos alunos às células receptoras.	Não há
TOTAL	346h		

Fonte: Adaptado – terminologia mantida conforme documento original (CBT, 2020).

3 MÉTODOS

3.1 ASPECTOS ÉTICOS

Essa monografia está anexada ao parecer de Número: 1.285.811/2015, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. A participante da pesquisa recebeu uma cópia e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a gravação e divulgação das informações.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O estudo caracteriza-se como descritivo de abordagem qualitativa, destinando esforços para a compreensão de fenômenos e construção de significados com base em parte da trajetória de uma treinadora, porém sem generalizá-los (THOMAS; NELSON, 2002). Uma vez que o objetivo de um estudo de caso seja levantar novas perspectivas e hipóteses (ALMEIDA; OPPA; MORETI-PIRES, 2012), visando o aprofundamento em poucos objetos para o seu conhecimento amplo e detalhado (GIL, 2008), fornecendo experiências significativas de uma treinadora de tênis que atua no alto rendimento com atletas em transição da base para o profissional.

3.3 O CASO

A participante do estudo possui trinta anos e iniciou sua carreira como treinadora de tênis aos dezoito, somando-se doze anos de experiência no esporte. Antes mesmo de ser treinadora, a participante praticou a modalidade desde os seis anos de idade, onde após tomar gosto pelo esporte, buscou a profissionalização participando de competições estaduais, nacionais e até internacionais. Formou-se atleta em um clube que é referência em formação de tenistas no contexto nacional e hoje ocupa o cargo mais alto de treinadora de base na modalidade nessa mesma instituição.

No decorrer de sua atuação como treinadora, a participante formou-se em Educação Física e concluiu uma pós-graduação em Tênis de Campo. Após isso, ela realizou diversas formações específicas em tênis por via federativa e também o curso ITF Nível 3 na Espanha, sendo de extrema valia e significância para sua atuação, pois tais certificações contam como

requisitos e legitimam o treinador para atuar em torneios importantes (PENIZA; FONTES, 2014). A partir de então, ela passou a ser convidada para representar o Brasil em competições expressivas na categoria dos dezesseis anos feminino, como os Jogos da Juventude (2018) organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Jogos Sulamericanos (2016 e 2018), Gira Europeia (2018 e 2019) e Mundial sub-16 (2018). E também como treinadora COSAT na Copa América de Tênis nos Estados Unidos da América em 2018.

Sendo assim, a participante foi escolhida intencionalmente para esse estudo, em virtude de sua relevante trajetória e rápida ascensão como treinadora no tênis de alto rendimento. Tendo em vista que tais experiências vividas por ela são restritas a poucos treinadores, julga-se pertinente o aprofundamento em sua carreira e o compartilhamento de seus *insights* perante as demandas da profissão.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

3.4.1 Rappaport Timeline

Para conhecimento aprofundado da vida da treinadora, ter uma visão geral de seu desenvolvimento profissional e orientação das entrevistas, foi utilizado o instrumento adaptado *Rappaport Timeline* (RTL) (LANGLEY; KNIGHT, 1999). Ferramenta que implica em solicitar a participante que elabore, em uma folha de papel ou em *Word*®, os eventos, as pessoas, os acontecimentos, as transições em sua vida e contextos que foram fundamentais para ela se tornar uma treinadora. Como instrução de preenchimento, foi solicitado que, a partir de uma linha horizontal indicando ‘nascimento’ até ‘momento atual’ em extremidades opostas, ela vá identificando o ano em que os fatos ocorreram prospectivamente (APÊNDICE B).

Além de ser simples e de fácil uso, o RTL tem sido utilizado por pesquisadores para investigar treinadores (DUARTE; CULVER, 2014; TOZETTO, 2016; CIAMPOLINI et al., 2020), pois é capaz de trazer esclarecimento sobre a cronologia dos acontecimentos importantes na vida de uma pessoa referidos por ela mesma (SPARKES; SMITH, 2014). Também foi solicitado que a participante narrasse os momentos identificados no RTL em um áudio, e enviasse posteriormente para a transcrição. O áudio teve duração de treze minutos e a transcrição resultou em três páginas no documento *Word*®.

3.4.2 Entrevista semiestruturada

A coleta das informações foi por meio de entrevista, pois além de ser o meio mais utilizado em pesquisa qualitativa, proporciona a possibilidade de buscar informações de acordo com o objetivo do estudo (THOMAS; NELSON, 2002; MOLETTA; SANTOS, 2012). Visando a flexibilidade necessária na articulação do diálogo entre entrevistador e entrevistado, a entrevista foi semiestruturada utilizando pontos-chaves de acordo com o assunto à ser investigado (MOLETTA; SANTOS, 2012). O intuito das perguntas buscou obter, com riqueza de detalhes, os relatos feitos pela treinadora sobre sua carreira e situações que lhe conferiram aprendizado e contribuíram para sua formação profissional. Ao todo, a entrevista teve duração de setenta e nove minutos que resultaram em vinte e nove páginas de transcrição no documento *Word*®. A treinadora recebeu as transcrições de suas respectivas entrevistas para correção, caso necessário.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Habilidade, cuidados em sua condução e ao menos dois anos de treinamento (GIL, 2008), são alguns dos requisitos primordiais na realização da entrevista. Pela pouca experiência do autor com a técnica e para garantir maior fidedignidade dos dados coletados, a entrevista foi realizada por um agente facilitador, que além de amigo de profissão da treinadora, possui vasta experiência no procedimento e também faz parte do *mainstream*¹ reconhecido por ela. O entrevistador possui um número relevante de pesquisas em torno do tênis, atua na formação e desenvolvimento de treinadores de tênis em âmbito nacional, é TT e atualmente colabora com sua expertise nos âmbitos confederativos e federativos. Minimizando assim, qualquer desconforto que possa surgir no decorrer da coleta e contribuindo para a fidedignidade externa como sugerem Thomas e Nelson (2002).

Por meio da plataforma *Zoom*®, a entrevista foi realizada em um ambiente reservado com somente a presença dos dois na videoconferência, e armazenadas com áudio e vídeo via recurso do *Windows 10*®, sendo guiadas pelo roteiro semiestruturado (Apêndice A) com os temas de interesse. Foi realizado também um contato prévio pelo entrevistador via *Whatsapp*® para viabilização do contato inicial explicando o intuito da pesquisa e apresentação do RTL. Após isso foi feito o agendamento das entrevistas conforme a

¹ são ideias, pessoas, grupos de uma comunidade em comum aceitos pela maioria. No caso em específico, faz referência ao entrevistador por compor um grupo de pessoas que a entrevistada respeita e admira.

disponibilidade de ambos. Finalizado essa etapa, foi utilizado o programa *Microsoft Word 2010*® para a transcrição da entrevista, respeitando sempre o discurso oral de modo a garantir a preservação do conteúdo semântico na fala feita pela da treinadora. Após a transcrição, os dados foram organizados em códigos para fins de organização e análise. O quadro 6, descreve os processos e datas específicos do contato e procedimentos realizados com a entrevistada.

Quadro 6 – Descrição dos processos e contato com a treinadora.

		Descrição
DATA	TEMA	
01/04/19	Contato com a treinadora	- Contato com a treinadora sobre a possibilidade de realizar algum trabalho de investigação sobre sua aprendizagem e desenvolvimento como treinadora de tênis no contexto do alto rendimento.
02/04/19	Rappaport Timeline (RTL)	- Após definir o caminho a ser trilhado o pesquisador solicitou a treinadora que elaborasse uma linha do tempo sobre desenvolvimento profissional dela (RTL), considerando os principais episódios significativos até o momento do convite. - Essa linha foi pensada para orientar o roteiro da primeira entrevista com a treinadora, e também foi solicitado que ela enviasse um breve áudio comentando cada um desses momentos significativos que ela inseriu no RTL.
12/04/19	Entrevista Inicial – Pessoal + GIRA EUROPEIA	- Primeira entrevista, tópicos a serem abordados: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento profissional: com base na linha do tempo; • Perguntas norteadoras: <ol style="list-style-type: none"> 1) Você pode falar sobre a sua história de vida no esporte e no tênis? 2) Ao longo dessa trajetória teve alguma pessoa ou pessoas que influenciaram você a seguir no tênis? 3) Que circunstâncias levaram você a se tornar treinadora de tênis e mais especificamente de tenistas de competição? 4) Especificamente sobre sua primeira participação na Gira: (continuação das questões sobre a Gira, apêndice A).

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Foram empregados os procedimentos da análise temática propostos por Braun e Clarke (2006), pelo potencial de fornecer um conjunto rico de dados e pela flexibilidade teórica. Utiliza-se a análise temática para identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados, bem como contar uma história detalhada a partir desse conjunto (BRAUN; CLARKE, 2006). Quanto à investigação dos dados, essa foi guiada pelo processo indutivo, além de serem considerados os seis estágios da análise temática: 1) familiarização; 2) codificação; 3)

desenvolvendo temas; 4) revisando temas; 5) nomeando temas; e 6) escrevendo o relatório (tabela 4).

Quadro 7 – As fases da análise temática.

Estágios	Descrição do Processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (nível 2), gerando um “mapa” temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Using thematic analysis in psychology (BRAUN; CLARKE, 2006).

4 RESULTADOS

A exposição dos resultados está dividida em duas seções principais: (1) *timeline* da treinadora com apontamentos dos acontecimentos relevantes para o seu desenvolvimento profissional, com base no preenchimento e narrativa de seu RTL; e (2) quatro temas que foram criados a partir da entrevista e análise temática de sua transcrição – (a) Influência, Conexão e Inspiração: Personagens Fundamentais – pessoas importantes; motivação e suporte necessários; e uma relação de confiança e admiração; (b) Perfil Promissor e Acolhimento no Contexto – ser mulher; e mentalidade norteadora e reconhecimento; (c) Fora da Zona de Conforto – transição atleta/treinadora, dúvidas e o frio na barriga; e idioma; e (d) Contextos de Aprendizagem. Para garantir a confidencialidade dos indivíduos mencionados, os nomes não foram citados.

4.1 *TIMELINE* DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA TREINADORA

Ao todo foram quatorze momentos episódicos destacados por Fernanda ao longo de sua *timeline*, e que serão explorados com detalhes nesse tópico. A treinadora relata que iniciou no tênis com seis anos de idade (1995) e aos dez, já era atleta do clube em que hoje é treinadora. Esta instituição possui histórico reconhecido como formadora de atletas de alto rendimento e desenvolvimento em diversas modalidades à nível nacional e internacional. Posteriormente, atuou como atleta até os dezoito anos, onde teve a oportunidade de vivenciar e disputar diversos torneios internacionais. Em seu último ano como atleta, participou das cinco etapas do torneio COSAT sem acompanhamento de seus treinadores, o que agregou bastante experiência como atleta (figura 7).

Figura 7 – *Timeline* do Desenvolvimento Profissional de Fernanda.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ainda com dezoito anos, Fernanda ingressa no curso de graduação em Educação Física e ao mesmo tempo é convidada para ser auxiliar técnica em seu clube. Nesse período da transição de atleta para treinadora, Fernanda chegou a treinar colegas que eram parceiros de treinos e teve que ser esforçar para ajustar sua rotina no clube junto com a faculdade “[...] eu treinava de manhã, trabalhava a tarde e fazia faculdade à noite”. Nesse período, por indicação de seus dois treinadores, ela buscou aproveitar ao máximo sua formação inicial para trazer novidades aos treinos. Fernanda graduou em 2011 e logo em seguida, é convidada para ser Treinadora da Base I no mesmo clube, que inclui trabalhar com atletas em desenvolvimento e transição no contexto competitivo. Desde então, ela passou a viajar com a equipe para torneios, estreando em um COSAT no ano de 2013, repetindo o fato em 2014, 2015 e 2016, o que fortaleceu sua convicção em ser treinadora de tênis. Logo no início dessa participação em torneios internacionais representando seu clube como treinadora (2013 a 2014), essa convicção motivou Fernanda a cursar uma pós-graduação específica em Tênis de Campo, que foi concluída em um ano e meio no estado de São Paulo.

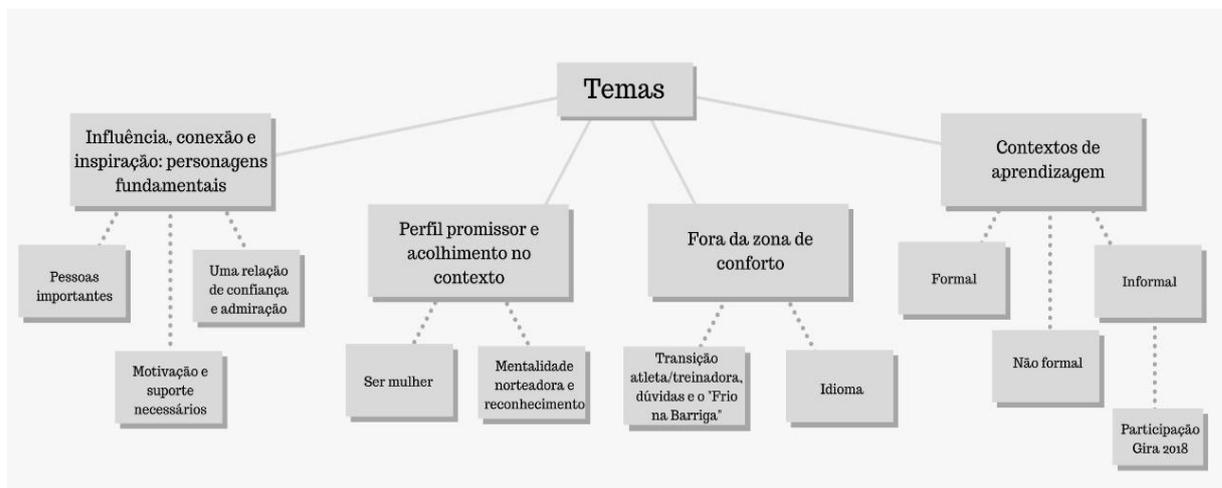
No ano de 2016 a treinadora vive seu primeiro sonho, que era representar seu país a frente da equipe em um torneio de expressão. Ela foi capitã da equipe feminina de dezesseis anos feminino no Sulamericano que aconteceu no Rio de Janeiro, alcançando o quinto lugar. Por ser um torneio de equipes, é permitida a presença da treinadora em quadra, e isso foi relatado como muito positivo por ela. Aos vinte e oito anos e já com certa experiência acumulada de suas participações em cursos formais e não-formais como também em torneios, Fernanda tinha uma inquietação latente expressa pela falta de uma vivência prática aprofundada e de saber como as formações aconteciam em outros países: “[...] eu sentia ainda falta da experiência prática, eu sentia que eu tinha muita experiência, muito curso, muita

vivência, porém eu sentia falta da prática... de conhecer outros lugares”. Por conta desse desejo, ela foi à Espanha para realizar o curso de Nível 3 da ITF, em uma imersão de quarenta e cinco dias de bastante prática e interação entre treinadores de diversos países.

A partir dessa imersão feita por Fernanda, diversos convites são recebidos para que ela represente não só o seu país (CBT) como também a América do Sul (COSAT), em torneios internacionais. No mesmo ano da imersão (2017), ela participou dos Jogos Sul-americanos da Juventude promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), além de subir na hierarquia em seu clube, passando a ser Treinadora de Base II. No ano seguinte, que pode ser considerado como ápice dos convites, ela é convocada para os principais torneios na categoria do dezesseis anos feminino, que foram: Gira Europeia; Copa América nos EUA e; Sulamericano no Uruguai (ficando em terceiro e culminando na classificação para o Mundial em Budapeste). E para fechar a sequência dos eventos e comentários significativos, Fernanda foi convocada novamente para ser capitã da equipe de dezesseis anos feminino na próxima Gira Europeia em 2019, torneio que ocorreu após a entrevista.

Com relação aos temas que emergiram a partir da entrevista, foi elaborada uma figura esquemática ilustrando a visão geral dos temas e também subtemas, posteriormente foram abordadas as falas que representam cada um deles (figura 8).

Figura 8 - Temas e subtemas gerados a partir da entrevista.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.2 INFLUÊNCIA, CONEXÃO E INSPIRAÇÃO: PERSONAGENS FUNDAMENTAIS

4.2.1 Pessoas importantes

Ao todo, Fernanda mencionou seis pessoas que em algum momento de sua carreira contribuíram significativamente para ela se tornar a treinadora que é. Sua professora de Educação Física do colégio (P1), dois Oficiais CBT/ITF (OF1 e OF2), seus dois treinadores (T1 e T2) e uma amiga treinadora (T3).

4.2.2 Motivação e suporte necessários

Inserida em uma prática atrativa sustentada por uma relação duradoura, Fernanda teve ótimo reforço positivo no esporte ainda em seu período escolar proporcionado pela P1. Ela relata boas lembranças das aulas da P1, e tal fato contribuiu para ela tomar gosto logo cedo pela prática:

“[P1] foi minha professora de Educação Física na escola, foi um período longo que ela foi minha professora, eu sempre gostava das aulas dela... então assim, e eu sempre tive uma Educação Física legal e sempre me influenciou, e eu ainda fazia esporte então eu sempre gostei”.

Já no ambiente do tênis, ela comenta que desde os primeiros cursos da CBT que participou, conseguiu estabelecer uma relação de confiança com o OF1 se mostrando sempre interessada, participativa e com vontade de se aprimorar. Assim acredita que sua demonstração de disposição desde o início foi fundamental para que o OF1 continuasse incentivando ela:

“[...] eu vejo que ele sempre acreditou em mim [...] eu sempre perguntei *pra* ele sobre esse curso na Espanha: – O OF1, como é que eu faço *pra*... eu vi que tem um curso na Espanha [...] eu sempre busquei ele assim... então eu acho que ele tem essa confiança assim em mim e aí ele me *dá* toda corda”.

Ela enfatizou também que antes de receber o convite oficial da COSAT para a primeira Gira Europeia, o OF1 entra em contato com ela para saber sua disponibilidade, como estava e se ela tinha interesse em ir. E Fernanda enxerga essa preocupação como uma demonstração de consideração por parte do OF1: “E aí Fernanda, como que tá? E o seu inglês como que você faz? Você teria interesse?”.

Assim, antes de ir para a primeira Gira em 2018, Fernanda procurou por sua amiga T3 que já tinha sido capitã em algumas Giras, para questioná-la sobre como era a rotina do torneio e se tinha algo que ela precisava saber ou fazer. E ao fazer esse contato, Fernanda tinha algumas dúvidas bem pontuais, então a T3 deu todo esse suporte inicial ajudando Fernanda:

“Antes de ir também, eu tinha mandado uma mensagem para T3... eu mandei mensagem pra ela porque parece que ela já tinha feito várias vezes... perguntei se ela tinha alguma coisa pra me passar, qual era a função mesmo e tal [...] aí eu falei: - Você acha que eu entro em contato com os técnicos? E então ela [a P1] me contou um pouquinho de como que era e tal”.

4.2.3 Uma relação de confiança e admiração

A partir de suas falas, a treinadora demonstra uma profunda relação de admiração, confiança e conexão com seus treinadores, principalmente nos treinos. Ela relata que eles foram muito importantes para ela quando ainda atleta e que se sentia segura com os dois:

“Com o T1 eu sempre queria bater bola com ele, eu sempre era a primeira a levantar [...] o T2... ele dava um treino e eu sempre queria ficar com ele na quadra... eles foram sim, com certeza muito importantes nesse período, assim de... *ah*, de sempre ver assim, que eles davam conta de tudo”.

Um momento que expressa muito bem o nível de conexão entre Fernanda e seus treinadores é quando ela relata algumas adversidades em torno do relacionamento de seus

pais. Ela conta que eles se separaram quando ela tinha pouca idade, e isso a sensibilizou bastante, mas seus treinadores foram compreensivos e sempre buscaram apoiá-la:

“[...] eu tinha muito contato com os dois [T1 e T2], porque meus pais são separados, e eles passaram por essa separação dos meus pais. Então quando eu entrei no [clube] eu tinha dez anos, aí se eu não me engano meus pais se separaram com doze. E aí teve muita briga, então eu sempre reportava pro T1 e pro T2, que às vezes eu chegava triste no treino, falava alguma coisa e tal, sempre foi, eles sempre me deram muito essa força assim”.

E essa relação de confiança que ultrapassa o contexto esportivo, também foi citada em outro momento decisivo na carreira de Fernanda quando ainda atleta. Em seu último torneio jogando, no mesmo em que foi sem seus treinadores (um COSAT), ela recebe um *e-mail* de sua mãe informando que ela havia sido aprovada no vestibular para ingressar na faculdade, porém Fernanda não estava totalmente decidida de que rumo ia tomar. Ela ainda estava focada em jogar tênis:

[...] eu sempre pensei em fazer Educação Física. Mas eu ainda tinha um sonho de ser jogadora, eu ainda sonhava assim. Tanto que, até esse período aí que eu fazia as contas, aí o meu último ano de juvenil batia com a escola, e eu não ia ter escola... No meu último ano eu vou jogar e não vou ter escola”.

Como resposta ao *e-mail* sua mãe, Fernanda pede que ela procure por seus treinadores, pois naquele momento ela não sabia o que dizer, porém tinha convicção de que eles ajudariam de alguma forma:

“Mãe faz o seguinte, marca uma reunião com meus treinadores e veja o quê que eles falam. E aí, o que eles falarem pra fazer, você faz! [...] porque eles podem ter uma opinião, por que agora eu não tenho, às vezes eles têm alguma ideia e tal, mas conversa com eles”.

4.3 PERFIL PROMISSOR E ACOLHIMENTO NO CONTEXTO

4.3.1 Ser mulher

Como já destacada anteriormente a conexão de Fernanda com o OF1, ela novamente comenta que desde quando fez o primeiro curso da CBT com ele e outro palestrante, teve uma primeira impressão muito boa que a marcou, que foi quando eles ficaram surpresos e interessados em sua vivência, por ela ser a única mulher na ocasião:

“[...] é *super* legal que desde o início eu lembro do meu primeiro curso da CBT, aí eles [OF1 e palestrante] ficaram todos felizes assim: – Nossa uma mulher e tal... Você jogou? Eles ficaram muito felizes assim, eu lembro dessa cena”.

Fernanda percebeu uma mudança de visão em relação ao contexto, pois no início de sua carreira de treinadora pensava que sofreria algum preconceito pelo fato de ser mulher, mas logo notou que pela sua familiaridade com o meio e por já ter sido atleta de tênis, esse preconceito inexistia:

“[...] antes eu até falava: - Ai, eles tem preconceito porque é uma mulher... mas eu tinha isso quando comecei, sabe. Mas depois não, o pessoal foi me conhecendo e alguns já me conheciam da época de jogadora, então assim, foi mais tranquilo”.

Outro momento que suportou esse ponto de vista de Fernanda, a nível organizacional, foi quando em uma de suas participações num torneio internacional ela constatou uma equipe da ITF com treinadores de ambos os gêneros. Assim ela diz ter percebido essa preocupação da ITF em promover a participação de treinadoras no contexto do tênis:

“Eu vi que a ITF também está dando uma ênfase nisso [...] Lá [na Gira Europeia] tinha uma equipe da ITF também, era um homem e uma mulher. E agora parece que eles fizeram uma *girazinha*, uma

equipezinha também pra fazer os torneios da América do Sul, a ITF também fez, e também era um homem e uma mulher. Então acredito que eles têm buscado isso sim [promover a participação de treinadoras no tênis]”.

Quando questionada sobre os motivos de estar sendo convocada para torneios importantes, inclusive para sua primeira participação na Gira, Fernanda destaca que o fato de ser mulher e a pouca presença de treinadoras no alto rendimento são pontos essenciais para esses convites:

“[...] assim, um ponto chave que eu vejo é por ser mulher também [...] *Ah*, eu vejo que não tem. No Brasil mesmo... com certeza tem muitos professores e tal, mas assim, envolvido na competição, eu vejo que são poucas”.

Ela ainda argumenta que no relacionamento com as jogadoras, o contato e proximidade foram facilitados pelo fato de ela ser mulher. Pois a partir de suas experiências, isso na maioria das vezes, conta que as meninas são mais propensas a se abrir com ela do que com os outros treinadores:

“*Ah*, eu vejo que às vezes elas tem mais segurança de falar com uma mulher perto... então tem vezes que as meninas tem mais liberdade de falar comigo... do que chegar e abordar com o T2, e na Gira eu vi isso [...] estavam o tempo todo comigo assim, preferiam ficar mais perto, então eu vejo que se sente mais seguro, até algumas coisas assim pra abordagem mesmo dessa segurança de falar, de pedir, de trocar uma ideia realmente também do jogo, do treino. As vezes elas também não estão em um dia bom, isso pra elas é mais fácil falar também, as vezes ficam apreensivas de falar com um homem”.

Não só com as jogadoras e inclusive com os pais delas, ela teve retornos positivos que reforçaram suas percepções onde eles se diziam felizes em saber que uma treinadora iria acompanhar suas filhas: “[...] duas mães entraram em contato comigo por *WhatsApp*® e

falaram: - Nossa, fiquei tão feliz quando eu soube que era um mulher indo e tal... então assim, passa também uma segurança pra família”.

4.3.2 Mentalidade norteadora e Reconhecimento

A vontade de se profissionalizar como jogadora sempre esteve ao lado da vontade de cursar Educação Física e trabalhar com tênis, isso antes de ser treinadora. Porém ela percebe que seguir a carreira profissional não cobria suas despesas e era realmente oneroso, e nesse meio tempo Fernanda recebe a primeira oportunidade como auxiliar técnica em seu clube. Desde então ela destinou todos seus esforços em prol de efetivamente ser uma treinadora e buscar seu desenvolvimento: “[...] aí já fui parando de pensar nisso e comecei a já investir como treinadora e ali também na faculdade eu comecei a me envolver mais”. Seu envolvimento repercutiu na busca por aperfeiçoamento específico na modalidade durante o período da graduação, e conseqüentemente isso foi gerando aprendizado: “E ao longo desse período de graduação também eu busquei muitos cursos... eu sempre buscava os cursos da CBT, fazer muita coisa ali *pra* ir já me dando uma bagagem”.

Além disso, Fernanda tinha como um de seus objetivos representar o Brasil sendo treinadora em uma competição. Ela estava certa de que trabalhar no alto rendimento era sua vocação, pois confessa que teve experiências em outros contextos e não tem boas lembranças desses momentos:

“[...] depois quando eu fui virando treinadora assim, eu queria um dia poder defender o Brasil... eu tinha como meta mesmo, o objetivo disso [...] eu acho que eu tentei dar umas aulas sociais, juro, me botaram ali com os adultos aí eu: - Meu Deus! Saí correndo de lá! [...] Eu acho que eu sempre pensei em trabalhar com competição”.

Como parte marcante de seu perfil, Fernanda demonstra bastante curiosidade e vontade de aprender. Mesmo quando já tinha em seu currículo diversos cursos da CBT e ‘bagagem’ de alguns torneios, ela se questionava sobre novas possibilidades de aprendizado em relação à outros países: “[...] o que os outros lugares fazem? Será que fazem igual? A gente *tá* no caminho certo, é isso mesmo?” [em relação ao treinamento no tênis].

Por ser dedicada e tomar decisões que contribuía com seu objetivo de se tornar treinadora no âmbito competitivo, Fernanda começou colher os frutos de seu trabalho desde cedo. Quando seus treinadores descobriram que ela ia iniciar o curso de Educação Física, por intermédio de sua mãe, eles a convidaram para ser auxiliar técnica no clube.

Ela relata um fato curioso em que se sentiu reconhecida quando recebe um convite do OF2 para os Jogos Sulamericanos da Juventude. Fernanda lembra que nesse momento a atleta de seu clube que era a número 1 do ranking COSAT na época, já não estava mais com ela, mas mesmo assim o OF2 não deixou de chamá-la novamente: “[...] legal, ele [OF2] está reconhecendo meu trabalho, eu não estava encostada nela [no Sulamericano]. Não era só porque ela estava fazendo resultado, ele está vendo meu trabalho”. Outro momento de reconhecimento, agora por parte do OF1, foi quando ele pede um *feedback* para Fernanda sobre a participação na Gira de 2018, e depois revela um feito inédito que foi um ótimo resultado conquistado pelas meninas no torneio, e associa tal conquista ao trabalho que a treinadora realizou. Assim, Fernanda acredita que esse resultado foi também um dos motivos por ela estar sendo convidada novamente a ir Gira Europeia em 2019:

“Ele me fez um relato legal que foi, que pela primeira vez as meninas tiveram um resultado tão expressivo, que nunca tinha acontecido [...] Achei legal que ele teve esse reconhecimento, fez uma analogia comigo e tal, então foi legal... acredito que foi um dos motivos também que me fez estar sendo convidada de novo”.

4.4 FORA DA ZONA DE CONFORTO

4.4.1 Transição atleta/treinadora, Dúvidas e o “Frio na barriga”

Suas demandas no momento de transição para treinadora, principalmente as funções em torno de ser uma auxiliar técnica, repercutiram em um pequeno atraso de sua formação na graduação por tamanha dificuldade de estar gerenciando e se envolvendo como ela se envolveu: “Atrasei um pouquinho, fiquei quatro anos e meio na faculdade, mas realmente ainda fazia muitas viagens, perdia muita aula, muito conteúdo e era difícil conciliar o trabalho”.

Entre as participações nos torneios, ela também mantinha seus próprios questionamentos. Muitas vezes se sentia como principal responsável pela atuação das atletas em quadra, desconfiando de suas atitudes e se colocando toda responsabilidade quando as coisas não andavam bem:

“[...] você se sente culpada o tempo todo por estar ali na quadra, por fazer a convocação, quem joga, quem não joga... e se perdeu, a menina pode ter jogado o pior jogo, mas você acha que: - Nossa, por que eu coloquei ela? Sempre fica no questionamento”.

Em específico sobre a convocação para a primeira Gira em 2018, pelo fato de ser uma experiência nova e que ela considerava importante, Fernanda comenta que vivenciou preocupações e ansiedade ao ponto de se sentir muito inferior em relação ao desafio que se aproximava:

“[...] antes de ir eu fiquei preocupada assim: - Gente, como que é? Você sempre tem essa dúvida do novo [...] eu fiquei muito ansiosa, eu tive dor de barriga, e eu tenho problema de refluxo... umas semanas antes foi bem tenso. Eu fiquei um pouco apreensiva nisso mesmo... foi a primeira vez em que eu fui pra Europa em competições assim [...] a expressão que a gente se sente inferior... eu achava que era muito assim... do complexo de *vira-lata*”.

O curso da ITF realizado na Espanha foi outro momento de bastante autoquestionamento, pois assim como nos torneios, ela ainda se sentia despreparada para atuar. E isso ficou evidente principalmente quando ela realizava as provas do curso:

“Gente, eu tô no lugar errado, eu não sei nada de tênis. O quê que eu tô fazendo aqui? Eu vou ser reprovada nesse negócio! Eu ficava desesperada toda prova que eu fazia, toda... eu não estava preparada pra isso, e eu sempre ficava naquela dúvida, sempre me dava dúvida... e eu estava ali sempre me questionando”.

4.4.2 Idioma

A barreira gerada pela pouca proximidade com o inglês impactou diretamente em suas interações com os outros treinadores, diante de suas vivências internacionais em torneios, ela confessa que poderia ter sanado diversos questionamentos em torno do tênis caso não tivesse essa dificuldade: “[...] eu podia ter chegado *né*, perguntado, eu tenho vontade... eu às vezes fico perguntando como que é um treino, como que é o trabalho... mas ali eu aproveitei menos nisso sabe”.

Fernanda também enfrentou adversidades com o idioma na língua espanhola, apesar de confessar que seu espanhol era melhor que seu inglês, Fernanda relata que a jogadora 1 não foi compreensível quando ela a orientava: “[...] as vezes você falava com ela e ela contestava e tal. E aí ela não tinha paciência comigo na questão do espanhol”.

Outra dificuldade mencionada por conta do idioma foi em relação à rotina do torneio, pois nessas ocasiões, os treinadores necessitam se expor devido as funções de marcar os jogos e ter minimamente uma noção de como estão os horários e o ambiente. E ela acaba reconhecendo essa dificuldade: “Então, eu sinto que eu tenho mais essa dificuldade de chegar, de estar sabendo [...] Eu tenho um pequeno *probleminha*, meu inglês é bem *ruinzinho*”.

4.5 CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM

4.5.1 Graduação em Educação Física e Pós-graduação em tênis de campo

A treinadora aponta como acontecimento relevante de sua trajetória tanto o início como o fim de sua graduação. Nesse momento, os principais incentivadores dela foram seus treinadores, que além de oportunizarem o cargo de auxiliar, eles deixaram claro a importância da vivência que ela tinha como jogadora e a estimularam para o aprendizado: “[...] eles falaram que também era o interesse deles, que eu como atleta era importante para o clube”.

No intuito de impulsioná-la a ter um melhor aproveitamento no período da graduação e ao mesmo tempo contribuir com seu conhecimento, Fernanda diz que o T1 a aconselhava, que em todos os momentos procure vincular o aprendizado da faculdade ao tênis. Sempre buscar o que pode trazer de bom para o seu dia a dia. Fernanda levou tal sugestão à sério e empenhou-se para aproveitar ao máximo esse momento, utilizando as disciplinas cursadas para incrementar o seu treinamento: “[...] todas as matérias que eu fazia, ritmo, movimento,

dança, ginástica, eu tentava colocar no treinamento, levar alguma coisa para o tênis. E foi bem legal”. Sua pós-graduação em Tênis de Campo, que também compreende o contexto formal, foi realizada em um ano e meio no estado de São Paulo. Os detalhes dessa formação não foram aprofundados na entrevista, apesar de Fernanda destacar esse acontecimento como importante em sua *timeline*.

4.5.2 Cursos CBT e a Virada de chave com o curso nível 3 ITF na Espanha

Assim como Fernanda foi influenciada por seus treinadores a buscar novidades na graduação e trazer ao tênis, a necessidade de cumprir horas complementares e o interesse em particular pela modalidade foram motivadores para ela realizar os cursos não-formais da via federativa promovidos pela CBT, e assim continuar aprendendo: “[...] a gente tinha a obrigação das horas, algumas horas lá, complementares, mas eu sempre buscava os cursos da CBT”. Mesmo realizando os cursos de formação da CBT, Fernanda sentia que faltava um algo mais por conta de pouco aprofundamento prático, e ainda tinha vontade de buscar esse desenvolvimento e conhecimento em outros contextos: “Porque os cursos eram muito teóricos, e tem lá... tem uma parte prática, mas não era... eu queria ver os melhores centros, eu queria saber o quê que eles estão fazendo”.

Essa vontade de Fernanda fez com que ela chegasse até a Espanha, local que é considerado ser de excelência na formação de treinadores de tênis, e vivesse a experiência mais marcante na carreira como treinadora e que pode ser considerada a sua ‘virada de chave’ em todos os sentidos. Pois ela percebe que essa participação foi de extrema importância, principalmente por conta do viés prático característico do curso e o número considerável de dias em função de sua realização:

“Em 2017 eu tive outra experiência muito importante, acredito que foi a mais importante como treinadora... fui convidada para fazer o curso Nível 3 na Espanha e foram quarenta e cinco dias de muita prática, e aí eu acredito que esse foi o marco mais importante [...] Essa prática que eu sentia falta, foi o que mais marcou assim”.

O impacto gerado por intermédio da participação de Fernanda no curso Nível 3 da ITF foi tanto, que ela afirma estar convencida e perceber-se muito mais confiante após seu

retorno ao Brasil: “[...] depois quando eu voltei que eu me senti mais capacitada e fortalecida nisso, assim como treinadora [...] eu me senti mais confiante mesmo com essa experiência”. Fernanda também ressalta que a parte teórica do curso contribuiu simultaneamente na sua percepção de confiança e no sentido de estar fazendo as coisas certas:

“E aí, depois quando eu recebi também as notas, aí também eu me senti ainda mais capacitada assim. Não era só por questão da nota, mas eu falei: - Nossa, eu realmente sei, eu *tô* crescendo, eu *tô* aprendendo e acho que eu *tô* no caminho certo! Então assim, eu acho que me deu muita confiança, eu hoje me sinto melhor assim, não por ter a titulação do curso, mas por essas todas assim”.

4.5.3 Experiência atlética, Sequência em torneios e Primeira participação na Gira Europeia

Fernanda ressalta uma passagem que na época não tinha dado tanta atenção, um aprendizado extra tênis de quando ainda atleta que se tornou aplicação prática como treinadora, um pequeno presente que ganhou de um antigo treinador seu. Dessa vivência, ela sentiu que poderia presentear suas atletas da mesma forma, assim como também teve a ideia de levar esse agrado às meninas da Gira e acabou se tornando parte de sua filosofia:

“[...] ele deu um caderninho pra gente. E nesse caderninho ele coloca alguns textos, algumas coisas e coloca alguns *scouts* e tal. E aí eu levo isso comigo hoje sabe, eu faço, eu já fiz isso aqui dentro do [clube] várias vezes e lá na Gira eu fiz, eu dei um caderninho pras meninas”.

Como já mencionado, Fernanda está inserida no tênis desde os seis anos de idade, e como atleta desde os dez. Até surgir a oportunidade como treinadora passaram-se oito anos entre treinamento e competições. Contando de seu início como atleta até a data da entrevista, ela contabilizava vinte anos de prática somando-se as atuações como atleta e treinadora, e reconhece tal fato como importante: “É, eu brinco assim, que eu realmente atingi as 10 mil horas e *né*, isso não é balela!”. Em suas últimas participações em torneios importantes ali pouco antes dessa fase de transição, Fernanda menciona ter agregado bastante experiência e

aprendizado por ter ido sem seus treinadores. Ela relata que eles (T1 e T2) comentaram que ela tinha condições e classificação para ir ao torneio COSAT, porém não tinha nenhum técnico disponível para acompanhá-la naquele momento, mas mesmo assim ela se mostrou disposta a encarar o desafio: “Aí eu aceitei o desafio e fui sozinha [...] fiz um COSAT cinco etapas sozinha, sem nenhum treinador no meu último ano em 2007 e aprendi muito”.

Fernanda destaca que logo no início de sua carreira, acompanhou os atletas de seu clube em torneios COSAT ano após ano, e por conta de vivenciar tais experiências que ela considera como relevantes, sua convicção como treinadora foi fortalecida:

“Eu fiz o meu primeiro COSAT como treinadora levando uma parte da equipe. E fiz, 2013, 2014, 2015 e 2016. Eu fiz quatro anos seguidos de COSAT ficando quatro semanas, cinco semanas, seis semanas. E foram boas experiências também, muito importantes assim, onde começou toda essa parte de treinadora ficar mais forte”.

Depois de um bom resultado no Sul-americano a frente da equipe do Brasil, veio a classificação para o mundial sub16 em 2018. Dessa experiência, Fernanda reconhece que o nível de jogo do tênis feminino brasileiro precisa evoluir, pois ao presenciar o jogo com as melhores jogadoras do mundo naquele evento, fez ela ter maior crivo em sua percepção:

“[...] foi muito importante e com essa classificação a gente foi *pro* mundial em Budapeste na Hungria, e aí eu pude ver um tênis, vamos dizer, diferente! Um jogo feminino bem mais diferente do que a gente tinha vivenciado até propriamente na Gira Europeia. Ver as melhores jogadoras do mundo na categoria foi muito rico também, e ver como nós estamos um pouco atrasados nessa questão do tênis feminino”.

4.5.3.1 Primeira participação na Gira Europeia

Devido suas particularidades de ser sediado a cada semana em um país diferente na Europa, proporcionar um campo fértil de disputas, interações e vivências entre treinadores e atletas de tênis no alto rendimento nas fases do infante, a Gira Europeia pode ser considerada como um berço do tênis mundial, pois reúne atletas de diversos países. Por conta de tal

relevância, e também pelo fato de um segundo convite para ser capitã nesse mesmo torneio em 2019, Fernanda foi motivada a descrever como foi sua participação e funções na Gira de 2018.

Conforme indicação da T3, Fernanda diz que buscou uma aproximação dos treinadores e das jogadoras que foram convocadas. Ela fez esse contato no intuito de obter o máximo de informações pertinentes que poderiam ajudar ela em relação à preparação pré-torneio das atletas, como também no trato com elas:

“Antes de ir, então, eu contatei os treinadores para saber, conhecer um *pouquinho* deles, o quê que eles estavam trabalhando... o quê que eles tinham preparado, se iam jogar algum torneio de preparação ali [antes da Gira] [...] e também contatei elas, falei com elas, como que estavam e tal, a gente teve uma conversa ali antes”.

No dia a dia com as atletas, Fernanda comenta que sempre tentou deixá-las tranquilas. Buscava sempre se fazer presente nos jogos registrando os detalhes da partida, conversava com elas no pré e pós jogo, fazia alguns questionamentos relacionados aos jogos e empenhava-se em tornar essa convivência entre treinadora e atletas harmoniosa:

“Eu via os jogos, buscava ali fazer o *scout*, antes do jogo ter uma conversa com elas, eu deixei elas muito tranquilas pra aquecer assim, eu deixava: - *ah*, vamos lá, faz o aquecimento que você está acostumada mesmo [...] Conversava um *pouquinho* como que a pessoa queria jogar, como ela buscava jogar... e aí tinha essa conversa depois também, acabava o jogo ali e eu procurava conversar sobre o jogo ali e tal, organizava nisso”.

Durante a Gira, ela teve necessidade de gerir a logística do grupo junto com o treinador dos meninos. E ela descreve uma situação de quando eles viajaram para outro país em função da Gira, onde quase perderam inscrição no torneio por conta de um atraso gerado de todas as pequenas tarefas que foram realizando ao longo do caminho:

“[...] a gente teve um *sufocão* lá porque tinha que assinar domingo e a gente chegou no aeroporto bem em cima assim... [...] E aí a gente atrasou lá pra pegar o carro e tal, teve que alugar dois carros e aí foi eu e o outro treinador dirigindo e tal, e a gente foi... chegou lá quase que a gente não chega *pra* assinar, os meninos quase perderam a assinatura!”.

A relação entre treinadora e atleta também teve seus momentos complicados. Se não fosse por essa jogadora, Fernanda comenta que teria sido muito tranquilo seu envolvimento com as meninas. Mas reconhece que teve dificuldade em específico com uma atleta em seu dia a dia e, que inclusive, essa atleta não foi tão amigável também com as outras meninas do grupo:

“A [Jogadora 1] foi a que eu tive um pouco mais de problema, realmente ela tem um gênio muito forte e difícil de conduzir assim. Mas ela realmente assim, até o final da viagem ninguém estava mais aguentando ela, nem as meninas [...] ela se aproximou mais do outro treinador”.

Para se ajustar e conduzir a jogadora 1 da melhor forma, pois conforme relatado anteriormente essa atleta necessitou de maior atenção devido seu comportamento não muito amigável, Fernanda pediu ao treinador que estava junto na Gira para se aproximar dela. Pois ela notou em momentos específicos dos jogos, que a jogadora mantinha contato não-verbal com o outro treinador quando ele estava por perto assistindo. Assim, Fernanda e o treinador às vezes assistiam os jogos dos outros atletas de sua delegação, quando esses não eram simultâneos:

“[...] cheguei até a falar depois num outro momento, falar com o treinador *pra* falar com ela, algumas vezes eu via que quando ele aparecia, às vezes no jogo até, ela vibrava mais *pra* ele. Então no final eu cheguei a falar: - Fica com ela! Então assim, a gente até teve mais liberdade... as vezes não coincidia com os meninos e tal, a gente via o jogo de todo mundo”.

Quando questionada sobre suas funções gerais ali durante a Gira, ela descreve que foram bem básicas e estavam mais associadas ao gerenciamento das rotinas das atletas e logística do grupo nas viagens, isso em conjunto com o outro treinador. Fernanda menciona até que ficou surpresa, após passar um nervosismo, pois não esperava ser tão tranquilo pelo fato de ela já realizar esse tipo de função em seu clube. Ela também comenta que a rotina difere de país para país, pois na Itália eles não precisaram se preocupar tanto com a gestão extra torneio, comparando com a semana de torneio na Dinamarca:

“[...] então, teve um pouquinho mais de coisa ali, mas também a mesma função, de marcar treino, de treinar, de jogo, conversar ali com as meninas e tal, foi bem tranquilo. Assim, era uma coisa que eu já estava acostumada, foi relaxando ao longo assim, depois da primeira semana foi bem tranquilo nessa questão assim [...] Nossa, por quê que eu fui sofrendo por uma coisa normal que eu já tô acostumada? [...] e na Dinamarca, a COSAT deixou bem livre pra gente escolher os hotéis, então a gente alugou o carro, a gente escolheu os hotéis, a gente fez a reserva... a gente tinha que procurar comida, não era mais almoço e jantar [como foi na Itália], a gente tinha que ir atrás”.

E ao fim, Fernanda foi questionada sobre quais aprendizados ela reconheceu que poderia levar dessa experiência na Gira de 2018, e um dos pontos foram os relacionamentos entre o grupo. Pois ela reconhece que o trato com pessoas que nunca trabalhou é um desafio constante: “[...] foi bom para aprender lidar com pessoas que eu não treino diariamente, eu acho que esse foi o maior desafio... trabalhar com gente que eu nunca trabalhei!”. Estar diante de pessoas novas e ter que tentar gerenciar essa situação da melhor forma também fez ela se questionar com relação à sua postura. Pois em determinadas situações, Fernanda revela que os atletas adoravam se alimentar de forma não adequada, e assim pensou que ao invés de exigir, deveria ir pela base da orientação e convencimento:

“[...] Será que preciso ser tão rígida? São adolescentes, acredito que eu tenha que ir mais é, mostrar: - O gente ó, isso não é ideal aqui, vocês

estão numa competição e tal, porque amanhã a gente vai ficar um dia sem jogar”.

Relacionado aos treinos, Fernanda comenta que não foi ruim, mas que poderia ter sido melhor. Ela diz que poderia ter buscado outras perspectivas até para ajudar de uma melhor forma suas atletas, e conseqüentemente tirar maior proveito em diversos momentos. E essa situação de tentar extrapolar o ambiente naquele momento, fez com que ela ficasse pensando em diversas possibilidades pós Gira sobre o que precisa melhorar e sobre o que pode fazer de diferente:

“[...] eu acho que elas podem aproveitar melhor, eu buscar mais vídeos pra elas treinarem diferente, não fiquem presas só nelas [...] Essa questão de buscar treino, até o próprio aquecimento, eu acho que você tem que deixar livre ali, mas acredito que eu posso ajudar um pouco mais assim. Estar ali, mais próximo e fazer alguma coisinha, um exercício ou outro que eu gosto e tal, mas estar ali mais próximo também antes de jogar [...] minha abordagem ali depois do jogo eu preciso melhorar até aqui no meu dia-a-dia. Eu tenho que ser mais pontual ali [...] E é mais isso que eu ando pensando, eu ando pensando em muita coisa”.

5 DISCUSSÃO

O objetivo do estudo foi apresentar a trajetória de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento, em específico buscando descrever os momentos significativos de sua trajetória, identificar fatores que contribuíram para sua ascensão no esporte de rendimento e identificar os principais contextos de aprendizagem. Com base na *timeline* de Fernanda, os principais momentos significativos extraídos de sua trajetória foram: longo período de prática esportiva no alto rendimento como atleta; participação em educação formal; aquisição de confiança pós tentativa e erro como treinadora e principalmente pós curso federativo não-formal; e participação frequente em torneios importantes como treinadora. Estudos de diversas modalidades que investigaram o processo de aprendizagem dos treinadores do alto rendimento (SÁIZ; CALVO; GODOY, 2009; KOH; MALLETT; WANG, 2011; CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012), mostraram semelhantes circunstâncias pelas quais esses treinadores obtiveram aprendizado. Assim, esse estudo reforçou o que se encontra na literatura referente aos momentos significativos vivenciados por treinadores inseridos no alto rendimento.

A primeira evidência que se teve a partir das entrevistas com Fernanda foi que ela interagiu com pessoas chaves em sua trajetória. Essas pessoas influenciaram, orientaram e foram fundamentais para o seu aprendizado e motivação. Alguns estudos, também com treinadores, mostraram a importância e benefícios dessas interações que muitas vezes se expressa em forma de mentores que transmitem e orientam o aprendizado (TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2012; SAWIUK ;TAYLOR; GROOM, 2016; RODRIGUES et al., 2020), assim como ocorreu com Fernanda em momentos quando ainda atleta e principalmente nos estágios iniciais como treinadora auxiliar. Achado importante que inicia a lista dos fatores que contribuíram para a ascensão profissional dela.

Outra característica fundamental que contribuiu nesse processo de ascensão de Fernanda, foi a condição de treinadora mulher em um contexto onde geralmente os treinadores homens estão em maior número (LIMA et al., 2014; ITF, 2019a). Este estudo identificou achados interessantes em relação ao gênero, que foram os facilitadores mencionados por Fernanda traduzidos em apoio, suporte e reconhecimento que ela teve no âmbito esportivo, principalmente de seus treinadores, os oficiais da CBT/ITF e no relacionamento com as atletas e pais. Embora seja comum encontrar na literatura mais barreiras do que facilitadores, isso em todos os níveis proximais (individual, interpessoal,

organizacional e sociocultural) para as treinadoras mulheres no esporte (LAVOI; DUTOVE, 2012), a situação de Fernanda foi um pouco diferente. Pois ela presenciou facilitadores a nível interpessoal no apoio de seus treinadores, no acolhimento dos oficiais CBT/ITF desde seu primeiro contato e no seu trabalho com as meninas e respectivos pais. No nível organizacional, esse facilitador foi mediado pela ITF, órgão máximo do tênis que mostrou se preocupar com a participação de treinadoras nos torneios. A treinadora relata ainda, que essas percepções mudaram sua visão perante o contexto em relação ao preconceito, e isso parece estar de acordo com Lavoí e Dutove (2012), que preconizam iniciativas que abordam mais de um nível proximal para a promoção dos facilitadores e maior participação de treinadoras no âmbito esportivo.

Uma outra particularidade do perfil de Fernanda que também compõe os fatores para sua ascensão é a constante vontade de aprender. Com base nas informações coletadas sobre a treinadora, foi possível notar que seu interesse em particular e sua vontade de aprender a fizeram buscar por situações em sua maioria mediadas e não-mediadas de aprendizagem disponíveis, desde o início de sua atuação. Ela aproveitou sua educação formal e não-formal a partir da indicação dos seus treinadores, e com isso foi criando suas próprias oportunidades de aprendizagem, assim como relatado em outros estudos com treinadores do alto rendimento (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014). Apesar de treinadores de tênis em geral enxergarem com menor importância a via formal e situações internas de aprendizagem em comparação com a via não-formal e não mediada (CORTELA et al., 2020b), Fernanda valorizou sua educação formal quando relata buscar soluções em seu treinamento por meio das disciplinas na faculdade. Esse posicionamento ativo sobre sua aprendizagem, é imprescindível durante a formação de treinadores que buscam atuar no alto rendimento (MILISTETD et al., 2017), visto que a formação inicial é generalista e não consegue atender as demandas específicas deste contexto (MILISTETD et al., 2014). Nesse sentido, essa mentalidade de Fernanda influenciou sua perspectiva e aproveitamento durante a graduação. E toda essa dedicação e empenho da treinadora, fez com que os agentes em torno dela a reconhecessem como capacitada e preparada para encarar os desafios que a ela foram delegados.

Um quarto fator relevante encontrado nesse trabalho que também contribuiu para essa ascensão de Fernanda, foram as situações que a colocaram em desconforto perante sua atuação em torneios e durante o curso nível 3 da ITF, que basicamente são momentos iniciais de sua carreira. Ela descreve aquele “frio na barriga” e uma falta de confiança por presenciar

situações novas e que estavam fora da sua “zona de conforto”. Tais situações, que podem ser expressas em disjunturas ou desarmonia (JARVIS, 2006; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018), são favoráveis quando reconhecidas pelo indivíduo como gatilho para sua aprendizagem e continuam a refletir sistematicamente sobre elas, e Fernanda conseguiu conquistar sua confiança e convicção de treinadora por meio delas. Outro ponto que a tirou de sua zona de conforto foi a dificuldade com o idioma. Essa mesma barreira é apontada na literatura em diferentes perspectivas pelo treinador, atuando em outro país (ORLOWSKI; WICKER, BREUER, 2016) e treinando atletas estrangeiros (BAGHURST et al., 2018), situações relatadas por Fernanda durante os torneios internacionais e na Gira com sua atleta. E essa dificuldade, como as outras percebidas pela treinadora, foram oportunas e encaradas pela treinadora como motivação e norteadoras na busca de seu próprio desenvolvimento, tendo em mente o que precisa ser melhorado.

Em relação aos contextos de aprendizagem (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006), Fernanda mostrou ter aproveitado amplamente suas oportunidades de aprendizagem. Ela mostrou ser dedicada na busca pelos cursos formais, porém o contexto não-formal com o curso Nível 3 da ITF na Espanha foi substancialmente o mais impactante na percepção dela. Pois além de possibilitar a confiança necessária que ela buscava, essa experiência possibilitou o “acesso” a inúmeras oportunidades no contexto informal, que foram os torneios internacionais em conjunto com a Gira, que também influenciaram novos aprendizados e ela pode vislumbrar outros níveis de rendimento, além de sua prática como atleta que compõe esse contexto.

Do contexto formal de aprendizagem, Fernanda conseguiu formar boa base para sua atuação, sendo essa circunstância vista como importante para o direcionamento de futuros aprendizados (RYNNE; MALLETT, 2014; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014), pois interferiu diretamente nos outros contextos (não-formal e informal). Referente ao contexto não-formal, Fernanda sustentou dois momentos, os cursos da CBT onde relatou um pouco da falta de prática, e o curso Nível 3 ITF na Espanha que foi realmente transformador para ela. O contexto não-formal recebe grande número de adeptos, principalmente entre os treinadores de tênis brasileiros, porém às vezes não consegue suprir todas as necessidades da prática (CORTELA et al. 2019a). E tal situação esteve de acordo com o encontrado por Fernanda num primeiro momento. Posteriormente ela percebeu maiores benefícios quando buscou a via federativa fora do Brasil. Distintas percepções referentes ao mesmo contexto e em momentos diferentes como demonstrado por Fernanda, podem ser explicados pela individualidade e

particularidade na trajetória de aprendizagem do TE (ABRAHAM; COLLINS, 2006; WERTHNER; TRUDEL, 2009) e também pela característica específica de formação que foi realizada na Espanha (FUENTES, 2003; CRESPO et al. 2020, *no prelo*). Com relação ao contexto informal, sua prática esportiva, suas tentativas e erros de atuação como treinadora em torneios, interações com outros agentes do âmbito e também as reflexões que surgiram principalmente pós gira, possibilitaram vivências pontuais que resultaram em aprendizado para Fernanda. Todas essas experiências que a treinadora obteve do contexto informal, também foram encontrados em estudos semelhantes (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; NASH; SPROULE, 2009), indicando como essa maneira de se obter aprendizado ainda é bastante requisitada pelos treinadores do alto rendimento.

Ter conhecimento sobre as dinâmicas da competição e aspectos táticos e técnicos específicos de seu esporte (TORRES-LUQUE et al., 2011; KOLMAN et al., 2019), assim como gerir os relacionamentos durante a competição estimulando autonomia, fornecendo apoio e oferecendo instruções pré-jogo são vitais ao treinador (GONZÁLEZ-GARCIA; MARTINENT; NICOLAS, 2020). Dessas características necessárias aos treinadores, Fernanda consegue demonstrá-las pós vivências em torneios e no trato com suas atletas durante a Gira e no dia a dia. Essas diferentes situações encontradas nos relatos de Fernanda que permearam entre os contextos de aprendizagem, juntas tem alto potencial para alterar sua estrutura cognitiva e serem realmente convertidas em aprendizado por meio do componente da reflexão (WERTHNER; TRUDEL, 2006; 2009; MALLET; RYNNE; BILLET, 2016). A reflexão que, faz parte dos conhecimentos intrapessoais (COTÉ; GILBERT, 2009) e também pode ser incluída nos fatores contribuintes para a ascensão de Fernanda, foi provocada principalmente após a participação na Gira. A treinadora demonstrou essa habilidade na gestão e manutenção dos relacionamentos e conflitos entre o grupo, assim como sugerem Rhind e Jowett (2010), e em seu aprimoramento do conhecimento profissional, tentando buscar novas possibilidades de treinamento. E essas habilidades estão de acordo com o que estabeleceu Rius (2015), sobre as competências de treinadores de tênis avançados ou sênior. Ainda assim, com base no contínuo de situações de aprendizagem que compreende o treinador ‘recém chegado’ ao ‘inovador’, tendo em vista a reflexão demonstrada por Fernanda, ela pode ser reconhecida como ‘super competente’ e tem potencial para alcançar o perfil de treinadora inovadora caso continue aprimorando seu processo reflexivo (TRUDEL; GILBERT; RODRIGUE, 2016). Dessa forma, Fernanda apresenta uma trajetória de

aprendizagem bem próxima do que já é descrito na literatura, munida de experiências e formações que estão de acordo com seu contexto de atuação, o alto rendimento.

6 CONCLUSÃO

Em sua trajetória, a treinadora vivenciou considerável prática esportiva no alto rendimento, interagiu com agentes do contexto que deram apoio e a orientaram em seu desenvolvimento, buscou a educação formal e não formal para aprofundar seu conhecimento e atuou como treinadora em torneios internacionais e até em mundiais com alto índice de reconhecimento nas categorias do infante.

Sua ascensão inserida no alto rendimento foi suportada pela sua rede de contatos, por seu perfil promissor de ser uma treinadora sempre em busca de aprendizado, por se encontrar e também se colocar em alguns momentos de desconforto durante sua trajetória e por demonstrar conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais em seus relatos nas demandas do dia a dia e pré/pós-experiências. Posicionamento necessário para o desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Ainda assim, sem desconsiderar o contexto formal que serviu de base ao seu desenvolvimento, os contextos não-formal e informal foram os principais meios pelos quais a treinadora relata ter se desenvolvido efetivamente e que foram contribuintes em seu aprendizado. Esse estudo ainda reforça o apelo existente na literatura de que a combinação tanto dos contextos quanto das situações de aprendizagem revelam enorme potencial ao desenvolvimento do treinador esportivo. Nesse sentido, para que o desenvolvimento de treinadores inseridos no alto rendimento avance, cabe aos responsáveis por essa demanda investigarem as reais necessidades e promoverem ações cada vez mais contextualizadas ao treinador esportivo.

Por fim, o caso em questão proporcionou o entendimento aprofundado da trajetória de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento. Os métodos utilizados no estudo extraíram significados e experiências interessantes a partir da própria entrevistada no relato de suas experiências, que poderiam ter sido aprofundados em mais de uma entrevista. Ainda como fator limitante, o método de entrevista depende exclusivamente da capacidade retrospectiva do entrevistado. Talvez a realização de entrevistas com os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento dessa treinadora, no sentido de agregar e complementar com informações, possam fornecer maior aprofundamento ao objeto de estudo, ficando de sugestão para próximos estudos semelhantes.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The Coaching Schematic: Validation through Expert Coach Consensus. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 6, p. 549–564, 2006.

ACOSTA, R. V.; CARPENTER, L. J. Woman in Intercollegiate Sport: A Longitudinal, National Study. Thirty-Seven Year Update, 1977-2014. **Acosta-Carpenter**, 2014.

ALMEIDA, C. B. de; OPPA, D. F.; MORETTI-PIRES, R. O. Capítulo 10 - Estudo de Caso. In: SANTOS, S. G.; MORETTI-PIRES, R. O. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 143-148, 2012.

BAGHURST, T. et al. Considerations when coaching the international athlete. **International Journal of Kinesiology in Higher Education** , v. 2, n. 3, pág. 76-86, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998**. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Documento Oficial da União, Brasília, DF, 1 de setembro de 1998.

BRASIL. **Decreto nº 7.984, de 08 de abril de 2013. Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto**. UNIÃO, D. O. D. Brasília, DF: Imprensa Nacional, v. 150, n. 67, Seção 1: 5-10, 2013.

BRASIL. **Lei nº 13.155, de 04 de agosto de 2015**. Estabelece princípios de prática e de responsabilidade fiscal e financeira para entidades desportivas. Dispõe sobre a inserção e caracterização do esporte de formação. UNIÃO, D. O. D. Brasília, DF: Imprensa Nacional, v. Seção IV, 2015.

BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; NASCIMENTO, J. V. Propostas conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador esportivo de jovens. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 3, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 4, n. 3, p. 420-438, 2012.

CAMPOS-RIUS, J; CELDA, M. C.; OBRADOR, E. M. S. Competencias profesionales, ámbitos de intervención y roles del entrenador de tenis. **E-coach - Revista Electrónica del Técnico de Tenis**; 36 (12): 7-14, p. 7, 2020.

CARTER, A. D.; BLOOM, G. A. Coaching Knowledge and Success: Going Beyond Athletic Experiences. **Journal of Sport Behavior**, v. 32, n. 4, 2009.

CIAMPOLINI, V. et al. Lifelong learning pathway of a coach developer operating in a national sport federation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regras do Tênis**, 2017. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/arquivos/seniors/seniors_5a1c3b134e691_27-11-2017_14-19-31.pdf>. Acessado em: 10 out. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regras do Tênis juvenil**, 2019. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5df78bbf1aa3c_16-12-2019_10-50-55.pdf>. Acessado em: 11 out. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBTa). **Perguntas e respostas: Qual a comparação dos Módulos da CBT com os cursos da ITF**. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php?cod=6>>. Acessado em: 1 nov. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBTb). **Estrutura dos Cursos de formação oferecidos pelo Departamento de Capacitação**. Disponível em: <<http://cbt-tenis.com.br/capacitacao.php?cod=3>>. Acessado em: 2 nov. 2020.

CORTELA, C. C. et al. A formação inicial e continuada dos treinadores paranaenses de tênis. **Conexões**, v. 11, n. 2, p. 60–84, 17, 2013a

CORTELA, C. C. et al. O mercado de trabalho dos treinadores paranaenses de Tênis. **Revista Eletrônica FAFIT/FACIC**, Itararé, São Paulo. v. 04, n. 02, p. 14-25, 2013b.

CORTELA, C. C. et al. O “estado da arte” das publicações sobre tênis em periódicos nacionais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 143-151, 2016a.

CORTELA, C. C. et al. El conocimiento profesional de los entrenadores de tênis. **ITF Coaching and Sport Science Review**; 70 (24): 10 – 12, 2016b.

CORTELA, C. C. et al. Associação entre formação inicial e autopercepção de competência profissional de treinadores de tênis. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, Rio Maior, v. 3, n. 2, p. 32-42, 2017.

CORTELA, C. C. **Desenvolvimento profissional de treinadores de tênis: um olhar sobre as situações e contextos de aprendizagem**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Esefid, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CORTELA, C. C. et al. Formação continuada e autopercepção de competência: um estudo com treinadores de tênis. **Pensar en Movimiento: Revista de ciencias del ejercicio y la salud**, v. 17, n. 2, p. 126-141, 2019a.

CORTELA, C. C. et al. Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 1, p. 167-178, 2019b.

CORTELA, C. C. et al. Aprendizagem profissional de treinadores de tênis: um ensaio para primeiras aproximações com o contexto nacional de formação. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 2, p. 1-8, 2020a.

CORTELA, C. C. et al. Desenvolvimento profissional de treinadores de tênis: situa es e contextos de aprendizagem. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreaci n**, n. 38, p. 700-707, 2020b.

CORTELA, C. C. et al. Conhecimento tático declarativo de treinadores de tênis. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 1, p. e110-e110, 2020c.

CONFEDERACION SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). Reglamento de las Giras Europeas. Disponível em: <http://www.cosat.org/wp-content/uploads/2019/10/REGLAMENTO-GIRAS-EUROPEAS-2020.pdf>. Acessado em: 10 nov. 2020.

C T , J. The development of coaching knowledge. **International journal of sports science & coaching**, v. 1, n. 3, p. 217-222, 2006.

C T , J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

CRESPO, M. Las profesiones del mundo del tenis. **E-coach. Revista Electrónica del Técnico de Tenis**, v. 20, p. 6-14, 2014.

CRESPO et al. A Forma o de Treinadores de Tênis: um relato do cenário internacional e espanhol. In: CORTELA, C. C.; BALBINOTTI, C. A. A.; MAZO, J. Z.; FUENTES, J. P. (Orgs.). **T nis: um olhar multidisciplinar**. Curitiba: Editora CRV, 2020, (no prelo).

CHRISTENSEN, M. K. Exploring biographical learning in elite soccer coaching. **Sport, Education and Society**, v. 19, n. 2, p. 204-222, 2014.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach Education and Continuing Professional Development: Experience and Learning to Coach. **Quest**, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Locating the coaching process in practice: models "for" and "of" coaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 11, p. 83-99, 2006.

DUARTE, T.; CULVER, D. M. Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, n. 4, p. 441-456, 2014.

DUFFY, P. Implementation of the Bologna process and model curriculum development in coaching. **Higher Education in Sport in Europe. From labour market demand to training supply**, p. 80-108, 2008.

EGERLAND, E. M. et al. Potencialidades e necessidades profissionais na forma o de treinadores esportivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 31-38, 2013.

EGERLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V. do; BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz rev. educ. f s.(Impr.)**, p. 890-899, 2009.

ERICKSON, K.; CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Sport experiences, milestones, and educational activities associated with high-performance coaches' development. **The sport psychologist**, v. 21, n. 3, p. 302-316, 2007.

FARRELL, P.; VAN DE BRAAM, M. Mentoring programmes: A case study with Tennis Coach Ireland. **ITF COACHING & SPORT SCIENCE REVIEW**, 63 (22): 13-14, 2014.

FERREIRA, H. J. et al. A Baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

FERREIRA, H. J. et al. Barriers faced by brazilian female coaches. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 2, p. 479-488, 2017.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. N. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 1, 2015.

FONTES, M. M. Os degraus da maioria. **Revista Tênis**, 2011. Disponível em: <https://revistatenis.uol.com.br/artigo/os-degraus-da-maioridade_7609.html>. Acessado em: 9 set 2020.

FONTES, M. M.; SILVA, S. Lição para quem treina. **Revista Tênis**, 2013. Disponível em: https://revistatenis.uol.com.br/artigo/licao-para-quem-treina_10868.html. Acessado em: 9 set 2020.

FREEPIK. Conjunto de quadras de tênis marrons com perspectiva. Vetor Premium. Freepik, 2020. <[://br.freepik.com/vetores-premium/conjunto-de-quadras-de-tenis-marrons-com-perspectiva_10682142.htm#page=1&query=Tennis%20court%20top%20view&position=2](https://br.freepik.com/vetores-premium/conjunto-de-quadras-de-tenis-marrons-com-perspectiva_10682142.htm#page=1&query=Tennis%20court%20top%20view&position=2)> Acessado em: 17 dez 2020.

FUENTES, J. P. G. **La formación didáctica del entrenador de tenis de alta competición**. Cáceres: Universidad de Extremadura, servicio de Publicaciones, 2003.

GALATTI, L. et al. Coaching in Brazil Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v. 3, n. 3, p. 316–331, 2016.

GESAT, R. A.; CORTELA, C. C.; BALBINOTTI, C. A. A.; GINCIENE, G. Retrato das disciplinas de tênis dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 2, p. 11-17, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A. 2008.

GILLMEISTER, H. Tennis History. **ITF Coaching and Sport Science Review**, 15 (46): 16 – 18, 2008.

GONZÁLEZ-GARCÍA, H.; MARTINENT, G.; NICOLAS, M. Relationships between perceived coach leadership and athletes' affective states experienced during competition. **Journal of Sports Sciences**, p. 1-8, 2020.

GREENHILL, J. et al. The impact of organisational factors on career pathways for female coaches. **Sport Management Review**, v. 12, n. 4, p. 229-240, 2009.

HALL, G.; WISE, N. Introduction: Sport and Social Transformation in Brazil: Sport and Social Transformation. **Bulletin of Latin American Research**, v. 38, n. 3, p. 265–266, 2019.

HE, C.; TRUDEL, P.; CULVER, D. M. Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 4, p. 496-507, 2018.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE. (ICCE) (Versão em Português). **International Council for Coaching Excellence**. International Sport Coaching Framework. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2013.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **ITF Global Tennis Report 2019: a report on tennis participation and performance worldwide**. London: International Tennis Federation: 2019a.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **ITF Coach Education Programme: Educating and Certifying Coaches**. London: International Tennis Federation: 2019b.
Disponível em: <<https://www.itftennis.com/en/news-and-media/articles/itf-coach-education-programme-educating-and-certifying-coaches/>>. Acessado em: 2 de nov. 2020.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). ITF ACADEMY. London: International Tennis Federation: 2020. Acessado em: 3 de mar 2020.

IRWIN, G.; HANTON, S.; KERWIN, D. Reflective practice and the origins of elite coaching knowledge. **Reflective practice**, v. 5, n. 3, p. 425-442, 2004.

JARVIS, P. **Towards a comprehensive theory of human learning**. London: Routledge, 2006.

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, education and society**, v. 8, n. 2, p. 213-229, 2003.

JONES, R. L.; WALLACE, M. Another Bad Day at the Training Ground: Coping with Ambiguity in the Coaching Context. **Sport, Education and Society**, v. 10, n. 1, p. 119–134, 2005.

KOH, K. T.; MALLETT, C. J.; WANG, C. K. J. Developmental pathways of Singapore's high-performance basketball coaches. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 9, n. 4, p. 338-353, 2011

KOLMAN, N. S. et al. Technical and tactical skills related to performance levels in tennis: A systematic review. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 1, p. 108-121, 2019.

LANGLEY, D. J.; KNIGHT, S. M. Continuity in sport participation as an adaptive strategy in the aging process: A lifespan narrative. **Journal of Aging & Physical Activity**, v. 7, p. 32-54, 1999.

LIMA, M. B. N. et al. Perfil da formação inicial e permanente de treinadores de tênis de alto rendimento do Brasil. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 10, 2014.

MALLETT, C. J.; RYNNE, S. B.; BILLET, S. Valued learning experiences of early career and experienced high-performance coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 21, n. 1, p. 89-104, 2016.

MELIGENI, F. Dia anterior de um Grand Slam. Como é a rotina de um jogador? Blogs **ESPN**, 2012. Disponível em: <http://www.espn.com.br/blogs/fernandomeligeni/259173_dia-anterior-de-um-grand-slam-como-e-a-rotina-de-um-jogador>. Acessado em: 12 set. 2020.

MELIGENI, F. O que vi da rotina dos jogadores em Roland Garros. Uma nova era do tênis. Blogs **ESPN**, 2017. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/fernandomeligeni/700491_o-que-vi-da-rotina-dos-jogadores-em-roland-garros-uma-nova-era-do-tenis. Acesso em 12 set 2020.

MESQUITA, I. O papel das comunidades de prática na formação da identidade profissional do treinador de desporto. In: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis, p. 295-318, 2013.

MILISTETD, M. et al. Coaching and Coach Education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165–172, 2014.

MILISTETD, M. et al. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, 18, 2015.

MILISTETD, M. et al. Sports Coach Education: Guidelines for the Systematization of Pedagogical Practices in Bachelor Program in Physical Education. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, 2017.

MILISTETD, M. et al. Formação de Treinadores para o Esporte de Elite. In: GALATTI, L. R. Galatti; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (Org.). Desenvolvimento de treinadores e atletas - **Pedagogia do esporte**. 1ed. v. 1, p. 39-62. Campinas: Unicamp, 2017.

MILISTETD, Michel et al. Nurturing high-performance sport coaches' learning and development using a narrative-collaborative coaching approach. **LASE Journal of Sport Science**, v. 9, n. 1, p. 6-38, 2018.

MOLETTA, A F; SANTOS, S G. Capítulo 13 - Técnicas de coleta de informações: Entrevista. In: SANTOS, S G; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 173-178, 2012.

MOON, J. A. **A handbook of reflective and experiential learning: Theory and practice**. Psychology Press, 2004

MOURÃO, L.; GOMES, E. M. Mulheres na Administração Esportiva Brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, p.305-317, 2004.

NASH, C. S.; SPROULE, J. Career development of expert coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 1, p. 121-138, 2009.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

ORLOWSKI, J.; WICKER, P.; BREUER, C. Determinants of labour migration of elite sport coaches. **European journal of sport science**, v. 16, n. 6, p. 711-718, 2016.

PENIZA, L.; FONTES, M. M. **Ponte Aérea: Jogar bem na América do Sul é importante para a garotada de 14 e 16 anos garantir o passaporte para os torneios na Gira Europeia. Explicamos, então, os critérios para embarcar para o Velho Mundo.** 2014. Disponível em: <https://revistatenis.uol.com.br/artigo/ponte-aerea_11757.html>. Acessado em: 4 nov. 2019.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, n. 2, p. 159-168, 2007.

PIMENTEL, R. M.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva Tardia: Perspectivas A Partir da Modalidade Basquetebol. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 5, 2010.

QUEIROZ, F. US Open Series movimentam tênis nos Estados Unidos. **Revista Tênis**, 2009. Disponível em: <https://revistatenis.uol.com.br/artigo/us-open-series-movimenta-tenis-nos-estados-unidos_2539.html>. Acessado em: 8 out. 2019.

RAMOS, V. et al. A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 23, n. 3, p. 431-442, 2012.

REIS, A. C.; VIEIRA, M. C.; SOUSA-MAST, F. R. de. “Sport for Development” in Developing Countries: The Case of the Vilas Olímpicas Do Rio de Janeiro. **Sport Management Review**, v. 19, n. 2, p. 107-119, 2016.

REZENDE, B. R. **Cartas a um jovem atleta**. Rio de Janeiro: Elsevier, 240 p, 2007.

RHIND, D. J. A.; JOWETT, S. Relationship maintenance strategies in the coach-athlete relationship: The development of the COMPASS model. **Journal of applied sport psychology**, v. 22, n. 1, p. 106-121, 2010.

RIUS, J. C. **Les competències professionals de l'entrenador de tennis. La visió dels seus formadors a nivell internacional**. 2015. 572 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Ciències de L'Activitat Física I de L'Esport, Universitat Ramon Llull, Barcelona, 2015.

RODRIGUES, H. D. A.; PAES, R. R.; NETO, S. D. S. A Socialização Profissional do Treinador Esportivo como um Processo Formativo de Aquisição de Saberes. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 22, n. 2, p. 509, 11, 2015.

RODRIGUES, H. D. A. et al. O mentoring como estratégia de desenvolvimento profissional de um treinador de basquetebol de alta performance. **Journal of Physical Education**, v. 31, n. 1, 2020.

RYNNE, S. B.; MALLETT, C. J. Understanding the work and learning of high performance coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 17, n. 5, p. 507-523, 2012.

RYNNE, S. B.; MALLETT, C. J. Coaches' learning and sustainability in high performance sport. **Reflective Practice**, v. 15, n. 1, p. 12-26, 2014.

SÁIZ, S. J.; CALVO, A. L.; GODOY, S. J. I. Development of Expertise in Spanish Elite Basketball Coaches.(El desarrollo de la pericia en los entrenadores españoles expertos en baloncesto.). **RICYDE. Revista Internacional de Ciencias del Deporte. doi: 10.5232/ricyde**, v. 5, n. 17, p. 19-32, 2009.

SAWIUK, R.; TAYLOR, W. G.; GROOM, R. An analysis of the value of multiple mentors in formalised elite coach mentoring programmes. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 22, n. 4, p. 403-413, 2017.

SEBASTIANI, E. M.; NEBOT, R. ¿Cómo ser un entrenador competente? EN E. M. Sebastiani, E. M.; Blázquez, D. (Coord). **¿Cómo formar un buen deportista? Un modelo basado en competencias**. Barcelona: Inde. 2012.

SHERWIN, I.; CAMPBELL, M. J.; MACINTYRE, T. E. Talent development of high performance coaches in team sports in Ireland. **European journal of sport science**, v. 17, n. 3, p. 271-278, 2017.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative Research Methods in Sport, Exercise and Health: From Process to Product**. 1. ed. [s.l.] Routledge, 2014.

STOSZKOWSKI, J.; COLLINS, D. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of sports sciences**, v. 34, n. 9, p. 794-802, 2016

TAYLOR, S. L.; WERTHNER, P.; CULVER, D. A case study of a parasport coach and a life of learning. **International sport coaching journal**, v. 1, n. 3, p. 127-138, 2014.

TÊNIS, R. Venda de ingressos do US Open gera mais de 100 milhões de dólares para a USTA: **Revista Tênis**, 2014. Redação. Disponível em: <https://revistatenis.uol.com.br/artigo/venda-de-ingressos-do-us-open-gera-mais-de-100-milhoes-de-dolares-para->. Acessado em: 8 out. 2019.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TORRES-LUQUE, G. et al. An analysis of competition in young tennis players. **European Journal of Sport Science**, v. 11, n. 1, p. 39-43, 2011.

TOZETTO, A. V. B. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida**. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, CDS, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TOZETTO, A. V. B.; GALATTI, L. R.; MILISTETD, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, 2018.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; RODRIGUE, F. The journey from competent to innovator: Using appreciative inquiry to enhance high performance coaching. **Practitioner**, v.18, n.2, p. 40-46, 2016.

TRUDEL, P; CULVER, D; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Eds.). **Routledge handbook of sports coaching**. Abingdon: Routledge, p. 375-387, 2013.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The sport psychologist**, v. 20, n. 2, p. 198-212, 2006.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 433-449, 2009

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Data: ___/___/____. Horário de início: ___:___ . Horário de Término: ___:___.

Nome: _____.

Município: _____.

Idade: _____. Nível de Formação: _____. Ano: _____.

Pós-Graduação: _____.

Período de acompanhamento de outro(s) Treinador(es): _____.

Tempo total de atuação como Treinador: _____ .

Categoria(as) atual(is): _____.

Tempo de atuação com a(s) categoria(s) atual(is): _____ .

Categorias (fem e/ou masc) ofertadas no seu local de treinamento: _____

_____.

Outros locais de atuação profissional como treinador ou em outra área da Educação Física:

Questões

- 1) Você pode falar sobre a sua história de vida no esporte e no tênis?
- 2) Ao longo dessa trajetória teve alguma pessoa ou pessoas que influenciaram você a seguir no tênis?
- 3) Que circunstâncias levaram você a se tornar treinadora de tênis e mais especificamente de tenistas de competição?
- 4) Especificamente sobre a sua primeira participação na Gira:
 - a. Quais os fatores na sua opinião que levaram a COSAT a convocá-la?
 - b. Fale um pouco sobre o que é a Gira (torneios, países, formato de disputa, período, número de dias, variáveis contextuais).
 - c. Especificamente sobre os tenistas que você acompanhou, características gerais do grupo? (quantos eram, sexo, faixa etária, países de origem, nível técnico e ranking COSAT; adversários, etc).
 - d. E a Fernanda, qual foi a tua percepção em relação a sua participação no evento? Você se sentia preparada? Como foi o relacionamento com os atletas e

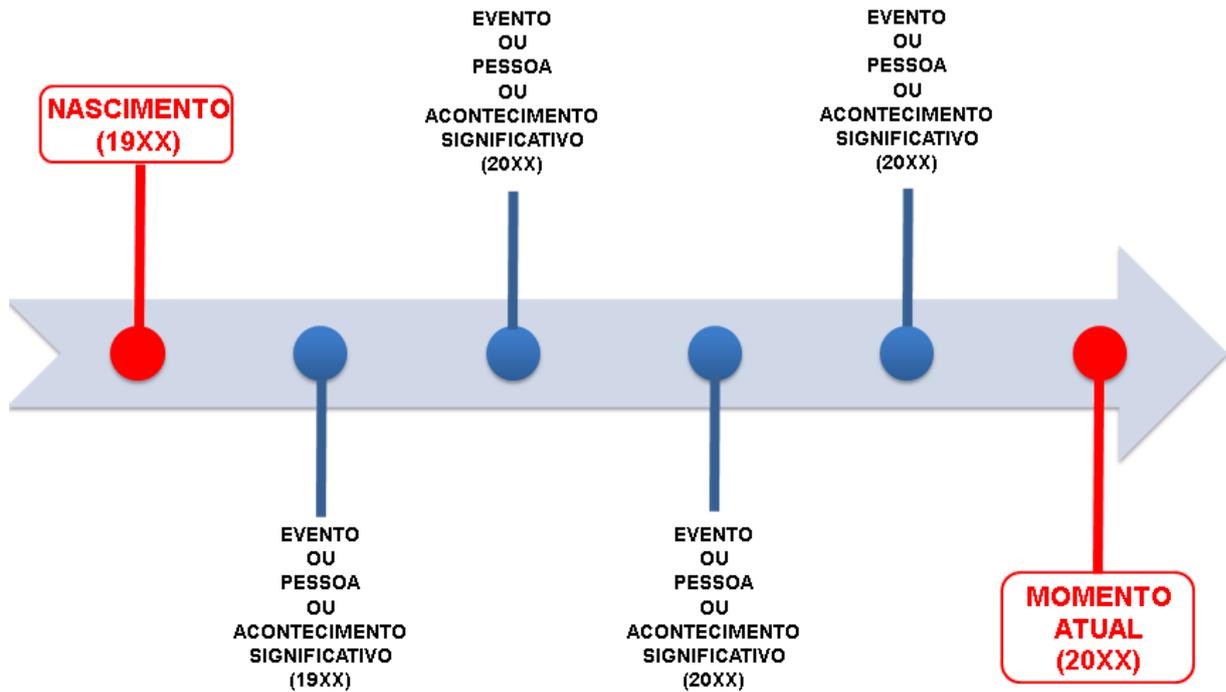
como você geriu o ambiente de grupo? Como foi o relacionamento com os outros treinadores/Treinadoras nesse processo?

- e. Como se encerra a participação na Gira? Há algum relatório
- f. Qual a tua percepção com relação aos resultados alcançados?
- g. Após a reflexão sobre essa experiência e sobre os resultados alcançados, se tivesse a oportunidade de repetir essa experiência nas mesmas condições, você faria alguma coisa diferente?
- h. O que você leva dessa experiência para as próximas convocações?

Você foi convocada novamente para participar da Gira e quando você soube que iria me mandou mensagem. O que te motivou a fazer o contato e especificamente em contato comigo? Pergunto isso para o que e de que forma você espera que eu possa participar com você dessa jornada.

APÊNDICE B – Rappaport Timeline

Figura ilustrativa para facilitar o entendimento do instrumento utilizado na coleta de dados.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante da pesquisa,

Conforme a proposta do pesquisador vinculado ao Curso de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, temos o prazer de convidá-la a participar da pesquisa de graduação intitulada **“O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UMA TREINADORA DE TÊNIS NO ALTO RENDIMENTO”**. Considerando a Resolução nº. 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisas com Seres Humanos. O estudo servirá de base para a elaboração de uma monografia, vinculada ao Curso de Bacharel em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ressaltando que o pesquisador responsável atenderá as exigências deliberadas nesta resolução.

O estudo tem como objetivo principal, compreender a trajetória de aprendizagem de uma treinadora de tênis no alto rendimento. Especificamente pretende-se: descrever momentos significativos na trajetória de vida pessoal e profissional da treinadora investigada; identificar os principais contextos de aprendizagem da treinadora; identificar fatores que contribuíram para a ascensão profissional da treinadora.

Espera-se que esta pesquisa contribua para futuros estudos na área, assim como no melhor entendimento do processo de aprendizagem do treinador esportivo durante a trajetória de vida e sirva de subsídios para futuras formações de treinadores de tênis. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão de contribuir com a produção do conhecimento sobre os processos de aprendizagem significativos percorridos pelos treinadores e para instituições formadoras no fomento do desenvolvimento profissional dos treinadores. Para isso, você não terá nenhum gasto, nem receberá compensação financeira, e todos os materiais necessários à coleta de dados serão providenciados pelos pesquisadores. Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro já que a sua participação na pesquisa não acarretará nenhum gasto ou despesa adicional. Caso, para sua participação, você dispender de algum gasto, o mesmo será reembolsado.

Ressaltamos que a investigação apresenta riscos mínimos nos fatores psicológicos e sociais, pois os procedimentos não ocasionarão constrangimento ao participante. Sua participação implicará em responder uma entrevista semiestruturada, com a utilização de um gravador para registro de sua fala. Após as transcrições das entrevistas, o conteúdo será reportado a você, para possíveis alterações.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder dos pesquisadores e a outra com o sujeito participante da pesquisa, ambas assinadas pelos pesquisadores. Ressaltamos que sua identidade será revelada por prévia autorização sua, e que a identidade das outras pessoas citadas serão mantidas em sigilo. As informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins científicos, e cada sujeito será identificado por número e somente os pesquisadores terão

acesso a este dado. Você poderá retirar-se do estudo a qualquer momento. Diante de quaisquer danos causados pela pesquisa ao participante, o mesmo será indenizado pelos pesquisadores, conforme a responsabilidade indelegável e indeclinável. Agradecemos, desde já, sua colaboração e participação, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Michel Milistetd

ENDEREÇO:

CEP: Florianópolis – SC.

TELEFONE: (48) 99652-8716.

E-MAIL: michel.milistetd@ufsc.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH/UFSC. Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 901, Trindade, Florianópolis/SC. CEP: 88.040-400. Telefone: (48) 3721-6094. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

PESQUISADOR PRINCIPAL DA PESQUISA: Willian Alexander Marcheti Moura

ENDEREÇO: Rua Professora Maria do Patrocínio Coelho, 349, Pantanal.

CEP: 88040-230, Florianópolis – SC.

TELEFONE: (48) 99832-1418

E-MAIL: will_mour@hotmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Declaro que fui informada, de forma clara e objetiva, sobre todos os procedimentos da pesquisa intitulada: O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UMA TREINADORA DE TÊNIS NO ALTO RENDIMENTO. Estou ciente que todos os dados à meu respeito serão sigilosos e utilizados somente com prévia autorização, e que posso me retirar do estudo a qualquer momento. Assinando este termo, eu concordo em participar deste estudo. Agradecemos, desde já, sua colaboração e participação, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Nome por extenso: _____

Assinatura: _____

Local, data: _____, ____/____/____

 Prof. Dr. Michel Milistetd
 (Pesquisador Responsável/Orientador)

 Willian Alexander Marcheti Moura
 (Pesquisador Principal/Graduando)